

# Stadium

N.º 398 ★ 19 de Julho de 1950 ★ 2\$50

CAM-  
PEONATOS  
REGIONAIS DE ATLE-  
TISMO — As provas decor-  
reram com brilho em Lisboa.  
Foram batidos 7 records, na-  
cionais. Venceu em conjunto o  
Sporting. Damos dois aspectos  
interessantes: um da corrida de  
5.000 m. ganhada por José Simões  
(do Sporting); outro da prova  
de 110 m. barreiras em que  
se classificou 1.º Mário  
Lourenço (do  
Benfica)



# Fernando Esteves Madeira

## venceu a prova Caxias-Paço de Arcos

ORGANIZADA pelo Clube Desportivo de Paço de Arcos, disputou-se no último domingo mais uma edição da prova Caxias-Paço de Arcos que, tal como em anos anteriores, conquistou o favor do público e reuniu apreciável lote de concorrentes.

A prova, num percurso aproximado de 1.500 metros, proporcionou excelente triunfo ao jovem nadador do Algés e Dafundo, Fernando Esteves Madeira, que está realizando uma temporada magnífica. Com efeito, Fernando Madeira impôs-se muito bem ao numeroso grupo de concorrentes, alcançando nitido e brilhante triunfo, cobrindo o percurso em 20 m. 37 s.

Nos lugares de honra, Eurico Perdigão (21 m. 10 s.) e José Inácio Borja (22 m. 15 s.), ambos do S. A. D., o segundo batendo sobre a meta o forte nadador sezimbrense Alfredo Filipe (22 m. 16 s.), cujo esforço é credor dos melhores elogios.

Noutro grupo, imediatamente a seguir aos valores mais destacados, Leonel Sousa Gomes (24 m. 35 s.), dentro das suas possibilidades, realizan-

do a prova meritória; o valoroso e esperançoso «brucista» do Adicense, Arnaldo Santiago (24 m. 39 s.), com um honroso quinto lugar; José Alberto Alfala, representante do Paço de Arcos, em sexto, com 25 m. 15 s.

Completaram o lote dos dez primeiros, Manuel Natividade (25 m. 35 s.), Manuel Silva Rodrigues (25 m. 39 s.), Albano Fidalgo (25 m. 54 s.) e Adriano Cabral Rodrigues (26 m. 6 s.).

Das quatro senhoras inscritas, apenas compareceram duas — Lucilla da Silva Angeja e Regina Deniz Mendes — que correram muito bem, patenteando mais uma vez as suas excelentes faculdades. De lamentar que Lucilla — que cobriu o percurso em 24 m. 6 s. — tenha sido desclassificada por irregularidade do seu barco de apoio. Nunca é demais, portanto, chamar a atenção para este pormenor, lembrando que certos entusiasmos em desobediência aos regulamentos e às indicações do juiz-árbitro, reduzem sempre em prejuízo dos concorrentes, inutilizando o seu esforço generoso.

Houve, portanto, uma única,

senhora classificada: Regina Deniz Mendes, com 25 m. 8 s.

Completaram a prova 25 nadadores, sendo a classificação por equipas a seguinte:

1.º, Algés e Dafundo (1+2+3) = 6 pontos; 2.º, Adicense (6+12+19) = 37 pontos; 3.º, Belenenses (14+15+16) = 45 pontos; 4.º, P. de Arcos (7+24+25) = 56 pontos; 5.º, Pedrouços (20+22+24) = 66 pontos.

### A Travessia do Tejo disputa-se no domingo

Disputa-se, domingo próximo, no tradicional percurso da Trafaria a Pedrouços, a mais clássica das nossas provas de rio: a Travessia do Tejo.

Pelas suas características, pelo interesse que sempre desperta, por aquilo que representa para um nadador vencê-la a Travessia do Tejo, cariz berrante de todas as épocas, val, por certo, ter no próximo domingo, em organização da A. N. L., mais uma bela jornada — uma boa jornada de propaganda e de renhida luta desportiva.

A. T.

## HIPISMO

# O Concurso de Coimbra

COIMBRA, a cidade universitária, a linda capital dos estudantes e das tricanas, quis acompanhar este ano o desenvolvimento do desporto equestre, inscrevendo o seu nome na Agenda hípica, com a realização do seu 1.º Concurso Oficial, nascido da ideia de quatro adeptos fervorosos do hipismo, bem patrocinada pela Câmara Municipal de Coimbra e também pela Sociedade Hípica Portuguesa.

No hipódromo construído à beira do Mondego, nos terrenos verdejantes de Santa Clara, cumpriu-se à risca o vasto programa, integrado nas famosas festas da Rainha Santa.

A clássica «Omnium», que tinha dois nomes absolutamente ligados à história da linda cidade — «Rainha Santa Isabel» e «Rei D. Diniz» —, teve dois vencedores brilhantes. Um, o major Ribeiro de Carvalho, defrontou-se, no «Forsola», com todos os cavaleiros que inscreveram cavalos sem «handicap»; o outro, o capitão Henrique Calado, levou o «Caramulo» a mais uma vitória sobre os «cases».

No segundo dia de provas, que tinha como atractivo a habitual «Nacionais», reservada a montadas

portuguesas devidamente identificadas — prova ganha por «Alcatruzes», conduzido pelo tenente Ferreira Cabral — registaram-se ainda as vitórias do capitão António Spinola, na «Evelyn», nos «saltos compostos» e de Nuno Pestana, no «Cuangar», na prova «Juventude», a competição reservada aos cavaleiros de amanhã nas quais, dia a dia, se verifica, felizmente, maior entusiasmo.

A terceira jornada comportava as provas «Caça» e «Santo Condestável» que foram ganhas pelos tenentes Cruz Azevedo na «Faneça» e Miravent Almeida, no «Squalus» enquanto que no derradeiro dia se registaram as vitórias do capitão Henrique Calado, no «Caramulo» que se creditou em 1.º lugar no «Grande Prémio» e do tenente Milho Ferro, que levou o «Amarante» à vanguarda da classificação na «Despedida».

Para provar a dificuldade do «Grande Prémio» basta que se diga que de todos os inscritos só o vencedor completou o percurso sem faltas, seguido de «Rama», «Gaza» e «Raso», estes com 4 pontos de penalização.

Os cavaleiros mais premiados em Coimbra foram os capitães

Henrique Calado e José Carvalhosa e os cavalos que reuniram maiores verbas em prémios conquistados foram o argentino «Caramulo» e o irlandês «Rama», dois cavalos da equipa nacional deste ano.

O Concurso Hípico de Coimbra que alcançou um êxito absoluto, deve figurar de futuro na Agenda, porque além de não lhe faltarem qualidades contribuirá para o desenvolvimento que pretende dar-se ao hipismo português. — ANTAS TEIXEIRA

Série II — Ano VIII — N.º 398  
Lisboa, 19 de Julho de 1950

**Stadium**  
REVISTA DESPORTIVA

—  
REDAÇÃO E ADMINISTRAÇÃO  
RUA DA ROSA 252-1.  
Telefone: 31167 - LISBOA

Director e Editor: DR. GUILHERMINE DE MATOS  
Chefe da Redacção: DR. TAVARES DA SILVA

Propriedade de  
EMPRESA PUBLICAÇÕES STADIUM LIMITADA

NEOGRAVURA, LIMITADA

Visado pela Comissão de Censura

## PROFESSORES

A questão dos preparadores desportivos em Portugal preocupa periodicamente determinados sectores da hierarquia nacional. O escasso progresso do nosso desporto é explicado pela análise mais superficial e pelo ractocínio mais singelo.

Não há quem saiba ensinar e, portanto, a única solução profícuza é a importação de técnicos competentes.

Esta doutrina já foi posta em prática por mais de uma vez e os resultados não corresponderam à expectativa; poderíamos até indicar caso em que foram contrários. E isto, porque o treinador desportivo vindo do estrangeiro, não pode aplicar aos portugueses os métodos de preparação — intensidade ou progressão — que vem habituado a empregar no seu país de origem.

Existe, nas junções do professor de desporto, um factor de ordem psicológica muito importante e só possível de usar com profundo conhecimento das condições do meio.

Discordamos por esta razão e de modo geral, do critério apolígista da importação de professores estrangeiros de desporto para dirigirem a preparação directa dos núcleos praticantes. Preferimos-lhe sem hesitar, a fórmula inversa, de enviar ao estrangeiro, aos centros de aperfeiçoamento mais categorizados, os técnicos nacionais que tenham revelado melhores aptidões e mais sólida base pedagógica, ficando taxativamente obrigados à apresentação de trabalho relativo e à direcção de um curso de orientação em que transmitirão aos colegas em exercício no país ou candidatos ao ensino da modalidade, as teorias e práticas aprendidas.

Não devemos ter pejo em afirmar que dispomos hoje em dia, graças ao I. N. E. F., sobretudo, de uma falange apreciável de treinadores desportivos em quase todas as modalidades. Não é justo menosprezá-los e chamar além fronteiras quem os venha relegar para plano secundário; o lógico, o razoável, é proporcionar-lhes os meios de completarem seus conhecimentos entrando em contacto com as modernas doutrinas e técnicas. Os beneficiários serão muito maiores e mais rápidos.

SAIAZAR GARREIRA

Assinem o  
**STADIUM**

# SPORTING

## Clube da Covilhã

A destacada classificação do Sporting da Covilhã traduz, só por si, o esforço dos desportistas covilhanenses para guindarem o seu clube representativo ao plano de relevo que hoje ocupa no futebol nacional.

Campeão da II Divisão, há duas épocas, conseguiu fixar-se na Categoria de Honra, no ano passado, classificando-se no undécimo posto da tabela final.

Ao obter agora o 6.º lugar, à frente de todas as equipas provinciais, os «leões da serra» consagraram-se definitivamente.

### Os jogadores

O Sporting da Covilhã não se poupou a despesas para dotar a sua equipa de certas unidades de valor indiscutível.

A aquisição do franco-húngaro André Simonyi foi realmente um golpe de mestre. Era o elemento que faltava ao forte sector atacante do Sporting covilhanense. Experiente, magnífico rematador e não menos ótimo condutor de ataque, Simonyi é um jogador de real categoria, que decerto faria furor num conjunto mais poderoso ainda.

Conta-se que ele, ao ingressar no clube da Covilhã, prometeu aos seus dirigentes que o Sporting classificaria-se-ia entre os seis primeiros classificados e que ele, Simonyi, ficaria à frente dos marcadores do Campeonato. Previsão ousada, sem dúvida. O certo é que a primeira promessa foi cumprida, e a segunda também não andou longe, pois Simonyi classificou-se em 2.º lugar na lista dos marcadores, em igualdade com o avançado-centro do Sporting Clube de Portugal.

Outro elemento que mostrou possuir bom estofa, embora sem grandes exibicionismos, foi o avançado Tomé.

A aquisição deste jogador também não saiu barata, mas supomos que correspondeu às esperanças nele depositadas. Foi o 2.º marcador da equipa e um dos melhores do Campeonato, entre os jogado-

res que não alinham no eixo do ataque. Também Livramento deu bom rendimento, enquadrando bem no trio ultra-avariado. Os interiores estiveram menos em evidência, Martin, que veio depois reforçar o «team» serranense, teve exhibições de grande mérito. Com Carlos Ferreira, que era um dos mais cotados elementos da antiga «avançada»; o quinto do «Covilhã» apresenta-se bastante homogéneo, desafiando confrontos com a maioria das equipas portuguesas.

Os médios actuaram em plano satisfatório, com destaque para Diamantino. O sector defensivo, com excepção dos guarda-redes, parece ser o compartimento mais fraco. Os números, às vezes ilógicos, assim o indicam.

### Estatística

O Sporting da Covilhã obteve 10 vitórias, 5 empates e 11 derrotas, e 55 golos marcados contra 70, e 25 pontos. No ano passado: 9 vitórias, 2 empates e 15 derrotas, 50 golos contra 59, e 20 pontos.

No último Campeonato, o Sporting da Covilhã ficou em 5.º lugar na classificação por golos marcados e em 12.º em golos sofridos. Fora de casa, obteve uma vitória (em Coimbra) e 3 empates (um deles nas Salésias). É curioso notar que o melhor resultado numérico dos covilhanenses foi justamente contra a Académica (6-2). No ano passado, o melhor foi contra o «Elvas» (5-0).

No conjunto dos dois Campeonatos, o Sporting da Covilhã obteve: 19 vitórias, 7 empates, e 26 derrotas, ou seja, perdeu metade dos jogos. Marcou 105 golos (média de 2 golos por desafio) e sofreu 129.

Os golos do Sporting da Covilhã foram marcados pelos seguintes jogadores: Simonyi, 22; Tomé, 11; Livramento, 7; Martin, 6; Carlos Ferreira, 4; Diamantino, 2; Fialho e Guedes, um.

VASCO C. SANTOS

## BASQUETEBOL

# Os últimos encontros da I Divisão Nacional

MUITO embora o vencedor já estivesse eleito e, portanto, nada pudesse alterar a magnífica posição alcançada pela Associação Académica de Coimbra — cuja excelente vitória, pela segunda vez consecutiva, na prova máxima do basquetebol lusitano, nunca é demais sublinhar — a verdade é que, uma vez que havia ainda posições secundárias a definir, os jogos em atraso revestiram-se de boa animação, tiveram a rodear o ambiente de excelente expectativa e, em suma, encerraram bem o Nacional da I Divisão.

No Porto, defrontaram-se Vasco da Gama e Atlético. Para os campeões do Norte, o encontro nada adelantava. No entanto, para os lisboetas revestiu-se de fundamental importância com vista ao terceiro posto da classificação que, afinal vieram a alcançar em virtude da derrota do Algués frente ao Fluvial.

A partida que, aliás, atingiu nível técnico muito apreciado, atraíu, compreensivelmente, numeroso público. Os alcantarenses, decididos e animosos, realizaram excelente exibição e atingiram o intervalo na posição de vencedores, por 23-15, com inteiro merecimento.

Na segunda parte, os vascaínos reagiram fortemente, melhoraram o seu sistema de jogo, e, anulando a diferença, passaram de vencidos a vencedores. Os northenos puderam, assim, triunfar por 38-32.

Deixando-se surpreender perante o Fluvial portuense por 36-27, o Algués e Dafundo viu, assim, fugir-lhe o quarto posto na classificação, depois de ter marchado durante algumas jornadas como a melhor equipa lisboeta.

A classificação definitiva do Campeonato Nacional da I Divisão, ficou elaborada como segue:

	J	V	D	Golos	P
Académica .....	14	11	3	468-338	25
Vasco da Gama ...	14	10	4	495-406	24
Fluvial .....	14	9	5	452-386	23
Atlético .....	14	8	6	428-441	22
Algués .....	14	7	7	435-449	21
Benfica .....	14	6	8	455-425	20
Barcelense .....	14	5	9	389-446	19
Sangalhos .....	14	—	14	401-632	14

Verifica-se, pois, que a província continua a deter o ceptro da modalidade.

A Académica de Coimbra — após jogo decisivo — firmou e confirmou o título. Foi-o em beleza, como já aconteçamos. E patenteou uma classe que nunca é demais sublinhar.

Nos lugares de honra, temos duas equipas portuguesas: Vasco da Gama e Fluvial. Ambos tiveram carreira meritória. Ambos honraram os seus pergaminhos.

É indiscutível que o basquetebol portuense teve dois bons embaixadores na prova.

E seguiu-se as três equipas lisboetas: Atlético, Algués e Benfica. De salientar, sem dúvida, o bom comportamento dos alcantarenses, no fim e ao cabo, o conjunto lisboeta melhor classificado. O Algués destacou muito bem a sua posição e, por certo, com um pouco de sorte teriam ido mais além. O conjunto benfiquista decaiu, de certo modo, em relação ao torneio regional.

O Barcelense, principalmente em casa, foi sempre adversário perigoso mesmo para os melhores. E o Sangalhos — sem dívida a equipa mais fraca — foi o único que contou por derrotas os jogos disputados.

### A taça «José Dias Pereira» inaugurará a próxima temporada

A próxima temporada de basquetebol — a iniciar no dia 1 de Setembro — abre com a disputa da taça «José Dias Pereira», troféu instituído pela Associação de Lisboa que, assim, presta justa e merecida homenagem àquele nosso prezado camarada.

Além disso, o organismo lisboeta, numa excelente visão das necessidades do desporto que dirige, circula já nos clubes filiados, acerca dos campeonatos distritais de seniores, juniores, veteranos e feminino.

Os clubes podem inscrever-se em qualquer das provas e até só numa categoria da III Divisão ou ainda só em Juniores, veteranos e femininos.

A direcção da A. B. L. tem a promessa de alguns antigos jogadores e outros ainda em actividade, de assumirem graciosamente o encargo de treinar e orientar os jogadores dos clubes que venham a filiar-se e que o solicitem. Igualmente se encontra em estudo um curso de treinadores.

### O União Sintrense volta ao basquetebol

O Sport União Sintrense, que decidiu regressar à prática do basquetebol, inaugurou no passado domingo, o seu novo campo, na Vila Granja (Estefânia), e, domingo próximo leva a efeito novo festival.

As equipas de honra do Atlético, Barcelense, Benfica e Sporting colaboram com o simpático União Sintrense, cuja resolução de regressar à prática activa do basquetebol só merece louvores.

# “STADIUM”

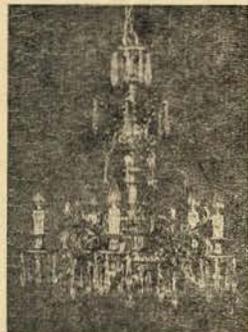
## e o Programa da VOLTA A PORTUGAL

«Stadium», Revista de todos os Desportos, que segue e acompanha na medida das suas possibilidades, todos os grandes acontecimentos desportivos, enviará à Volta a Portugal uma equipa de reportagem constituída pelos seus colaboradores e por um repórter fotográfico. Os nossos leitores terão, desta forma, um documentário completo da grande prova ciclista que interessa vivamente todo o País. Ao mesmo tempo, «Stadium» publicará um Programa da Volta a Portugal, documentado e ilustrado, do qual fará uma tiragem de cem mil exemplares, para distribuir gratuitamente, pelo País, aos seus adeptos e leitores.

Nesse Número Especial, além do Programa completo da Volta a Portugal, publicaremos notícias e comentários, números e nomes que estão relacionados com a Volta e o Mapa da classificação geral, onde os desportistas irão anotando, etapa-a-etapa, a respectiva classificação.

Esperamos que esta iniciativa, embora onerosa, seja compreendida pelos desportistas, agradecendo desde já a todos aqueles que tornaram possível o empreendimento.

O automóvel da «Stadium» com os seus redactores e repórter fotográfico acompanhará toda a Volta a Portugal.



*Manuel C. Santos*

Punção • Torneiro • Cromagem

Fabricante de:

CANDEIROS  
LUSTRES  
CANDELABROS  
APLIQUES

Estrada de Chelas, 64 —  
portas 1 e 3, a Xabregas

Telefone por chamadas 29653

LISBOA

# BARREIRA DE TEMAS TAUROMAQUICOS



## AO LADO DA "INTELIGÊNCIA"

**ROGERIO PEREZ  
A SORTE SUPREMA,  
HORA DA VERDADE**

A sorte suprema é, naturalmente, a da morte do touro. Culmina toda a lide e é a sua finalidade. Tudo que se faz ao touro, à parte o espectacular, se destina a prepará-lo para a morte. O touro não poderá ser bem morto se não estiver dominado, isto é, se estiver ainda «verde», como dizia Guerrita. Uma vez «maduro», reunidas as mãos e bem igualado, surge então o que os antigos chamavam a «hora da verdade».

Situado a curta distância, e entrando direito, sem alargar o braço e sem se desviar da recta, o matador vai pelo touro como em nenhuma outra sorte do toureio. Dando o peito, e atirando-se com impulso inicial que permita furar a pele e enterrar a espada no sítio próprio, não deve o matador esquecer a mão esquerda. É a mão da «muleta» a que mata — diz-se — porque nela se deve fixar o touro para se deixar matar.

O braço da espada deve formar uma cruz com o da «muleta», e «quem não fizer a cruz, leva-o o diabo» dizia-se também, quando se falava mais da estocada que tudo o mais.

No final do XIX ainda tudo se resumia quase a matar bem, e podia-se ser toureiro quase apenas pelo mérito de matar bem.

Luis Mazantini conseguiu ganhar mais que «Frascuelo» e «Lagartijo» apenas pela imponência do seu «volapié», porque então já se matavam poucos touros «recibiendo». E note-se que «Frascuelo» matava com rara valentia, mas sem aquela imponência que a

avantajada figura de D. Luís imprimia ao «volapié».

E Lagartijo tinha a sua eficaz «média Lagartijera», ainda que com a vantagem do passo-atrás, a sua medicina, como ele próprio dizia. E Guerrita também matava bem, senão com o dramatismo de «Espantero» e de Reverte, com mais segurança.

Depois mataram bem: Emílio, que não Ricardo, mas sim, e com emoção, o valente «Machacos», e «Algabefio», o pai, e o filho ao princípio, este anos depois, e Fuentes num regresso do México, porque o «Tranquilo» de matar perde-se e ganha-se, sem se saber porquê, talvez porque o toureiro se confia, ou desconfia quando é colhido a matar.

Bem vimos matar Vicente Pastor, com seu passo atrás, e o sr. Curro Vazquez — pai de Manolo, Rafael e Pepin — e Malla, e Paco Madrid, e o galego Célica e o bilbaíno «Fortuna», e mais recentemente, o catalão Ventoldrá.

Mas, citando de cór, nenhum como «Varélito» deixava ver melhor os tempos da sorte, a entrada, adiantando o pé, e a saída pelos «costillares», com limpeza.

Belmonte matou bem muitos touros, e também «Joselito», que geralmente o fazia com muita habilidade, e depressa. A vantagem de «Joselito» — o braço alto e quase em curva — foi depois imitada por Marcial, que a transmitiu a Pepe Luis, que ao princípio, ao contrário de «Manolete» que começou matando bem, perdia muitas orelhas com a espada, como está acontecendo a Manuel dos Santos por falta de decisão e de impulso inicial. Mais decidido nos pareceu em Badajoz seu primo António dos Santos.

Em Madrid vimos o ano passado, no

dia da segunda colhida de Manuel dos Santos, um matador que nos pareceu fazê-lo bem, e por tal tem cortado orelhas: Rafael Ortega; mas, vendo-o melhor na Feira de Sevilha, verificámos que não passa, que fica na cara, em dois movimentos contrários, um de avanço e outro de recuo.

Quem vimos matar bem, deixando ver todos os tempos, em Sevilha e em Badajoz, foi Manuel Carmona, talvez o único que hoje se pode dizer matador de touros.

Na fotografia que publicamos, a da morte do touro que na Feira de Sevilha lhe valeu as duas orelhas, vê-se como Manolo Carmona — e fê-lo deixando-se ver — enterra o estoque até ao punho, baixando bem a mão da «muleta» e saindo limpo pelos «costillares». O touro rodou morto, e «bien matáu», e o público da Maestranza, como o de Madrid, recordou o que é uma estocada, e o que é um matador de touros.

## CICLISMO

**BEVILACQUA despediu-se de Lisboa  
num festival em que tornou a brilhar**

**EMILIO RODRIGUEZ triunfou  
nas VOLTAS DA CURIA**

A semana finda caracterizou-se, no que respeita a provas com corredores estrangeiros, pela boa soma de vitórias alcançadas por Bevilacqua, na altura em que o programa e o brio próprio o forçou a marcar o valor. Na quarta-feira ganhou tudo — e bem. Três provas de estilo diferente — uma perseguição, outra de eliminação e um critério de velocidade. Foi, todavia, mais brilhante, na corrida de perseguição. No sábado venceu duas vezes — 100 metros contra-relógio e eliminação — e ajudou a ganhar a «Americana» de uma hora. Bevilacqua, campeão de Itália em provas de perseguição, numa das quais bateu Fausto Coppi, marcou, assim, em duas noites, a sua categoria. Mostrou-se, de facto, um grande corredor, correndo com notável regularidade, a uma cadência elevada, própria para desgaste. Na «Americana», formando equipa com Alfio Fazio, distinguiu-se apenas ao «sprint», totalizando 34 pontos, no máximo possível de 35. Isso quer dizer que só perdeu um lançamento, ficando em segundo lugar. A quilometragem percorrida não passou de modesta.

Nos dois festivais, as provas de amadores foram ganhas, individualmente, por Américo Raposo. E o Sporting obteve mais um triunfo na estafeta de sábado, à frente do Benfica. Américo Raposo continua, pois, a dominar, em absoluto, nas provas de pista. E o lote dos outros corredores «leoninos» acusou, nitidamente, progresso: No Benfica, os melhores foram Armando Pereira e Jorge de Oliveira.

A prova da Curia, disputada em 60 voltas ao parque, trouxe um duplo triunfo para o Sangalhos, além do êxito que corresponde à sua organização. A última hora teve a comparticipação de uma equipa, formada por Clarós e Olmos, este último já um tanto veterano, até mesmo em provas portuguesas. Ambos, porém, desistiram. Emílio Rodriguez classificou-se em primeiro lugar, seguindo-se Onório Francisco, José Martins, ambos do Benfica, e Manolo Rodriguez, do Sangalhos. Por equipas, os dois clubes ficaram em igualdade de pontos (cinco). O desempate fez-se a favor do Sangalhos, por o vencedor ser daquele clube. Nos lugares imediatos, classificaram-se o Porto, com 13 pontos, e Académico e Sporting, com 18.

M. de O.

# ACTUALIDADES NO PORTO



**CAMPEONATOS REGIONAIS DE REMO** — A tripulação do 8, vencedora. O Caminhense ganhou também em 4 seniores e 4 juniores



**CAMPEÃO NACIONAL DE BASQUETE DA II DIVISÃO** — A equipa do Futebol Clube do Porto bateu o Sporting Clube de Portugal na final do Nacional da II Divisão, conquistando com grande mérito o respectivo título



## CAMPEÕES DE TÊNIS

O americano Hudge Paty, o maior tenista da actualidade, colecciona vitórias e campeonatos. Esta época venceu com brilho os Campeonatos de Wimbledon, em Londres, e de Roland Garros, em Paris. Com as taças na mão parece dizer: — Estou disposto a conti-

## O VENCEDOR DA "TAÇA LISBOA"



O grupo de honra do clube de Futebol Estrela Amadora que, após uma actuação brilhante, conquistou a «Taça Lisboa» instituída pela A. F. L.. Ao lado vê-se o treinador do grupo, José da Graça.

## PARA O ENCONTRO DE VIGO



O atleta Eugénio Lopes, do Académico, que bateu o record nacional do pentatlo juniores, também vencedor da prova de salto em comprimento na qual estabeleceu o máximo do Norte



Uma fase da prova de 5.000 metros ganha pelo atleta João Marques Sousa, do Académico, que nesta altura segue em 4.º lugar

## O ESTÁDIO QUE ESTÁ A SER CONSTRUÍDO

**em TOMAR DEVE INICIAR UMA ERA DE EXPLENDOR PARA O DESPORTO NABANTINO**



**Major FERNANDO OLIVEIRA**, presidente da Câmara Municipal de Tomar, a quem se deve a construção do magnífico estádio da bela cidade do Nabão, que, certamente, exercerá grande influência na actividade desportiva de Tomar e de toda a região

TOMAR marcará em futuro próximo posição de realce nos sectores desportivos. Deverá contribuir em grande parte, para que assim suceda, o excelente estádio mandado construir pelo sr. major Fernando de Oliveira, que muito ama a sua terra e em boa hora assumiu as funções de presidente da Câmara Municipal.

Trata-se de um parque de jogos erguido nos amplos e aprazíveis terrenos da Horta de El-Rei, junto do poético rio Nabão. O campo para a prática do futebol e doutros desportos possui as dimensões máximas e não tardará a ser relvado. Lugares sentados poderão acomodar vinte mil pessoas. O futuro estádio já tem pistas para atletismo. E dentro de pouco tempo terá também um campo de basquetebol e voleibol e uma soberba piscina.

Há na Horta de El-Rei «pau para mangas». Melhor local não poderia escolher-se para a edificação de um estádio de que naturalmente se orgulharão não só os nabantinos como todos os bons

desportistas doutros recantos do País.

O sr. major Fernando de Oliveira, desportista convicto, é, por todos os motivos, credor da estima e gratidão dos filhos de Tomar, que noutras actividades têm também no presidente da edilidade um notável impulsor.

Depois de construídas as bancadas centrais, o estádio municipal de Tomar será inaugurado oficialmente. No seu terreno já se disputaram, no entanto, vários encontros de futebol. Ainda recentemente, englobado no programa das tradicionais Festas dos Tabuleiros, que costumam atrair forasteiros de todos os

(Continua na pág. 14)



**VASCO DA COSTA JACOB**, conhecido desportista de Tomar e grande impulsor da nação. A cidade de «Gualdim Pais» deve a este desportista grandes benefícios. É também activo e antigo director do Sporting Clube de Tomar

# Patinagem artística

A propósito da recente festa na Amadora, recorda-se a primeira organização do género e faz-se um simples reparo com vista a empreendimentos futuros

FAZ agora precisamente 10 anos (pois foi em Julho de 1940 que se «aconteceu» ocorreu) que se efectuou em Portugal, por iniciativa do Clube Atlético de Campo de Ourique com o patrocínio de *Os Sports*, a primeira grande competição feminina de patinagem artística: o concurso de elegância e correcção. A ideia-base do certame — cujo êxito ultrapasou quanto se esperava para a época — pertenceu ao nosso camarada Jorge Monteiro, que nesse tempo já distante pontificava como cronista efectivo e único da especialidade naquele extinto tri-semanário desportivo, o qual teve em Carlos de Oliveira (Hóquei C. P.), José Soares (Atletico), Leonel Costa (Benfica) e Mário Lopes (Campo de Ourique) os seus principais e mais activos colaboradores na organização da prova. O concurso, fiscalizado pela F. P. P., reuniu oito concorrentes — número jamais igualado em torneios similares — e forneceu os seguintes resultados: 1.ª Aldina de Montargil, Ateu; 2.ª Maria Helena de Sá, Ateu; 3.ª Ivone Torres, Lisgás; 4.ª Lisette Paula Ferreira, Campo de Ourique; 5.ª Eugénia de Oliveira, Ginásio Feminino; 6.ª Maria Adelaide Penna, Campo de Ourique; 7.ª Margarida Carvalho Assis, Ginásio Feminino; 8.ª Joaquina Ribeiro, Campo de Ourique. Foram estas raparigas (nenhuma já em actividade) as verdadeiras precursoras da patinagem artística de concurso em Portugal. Há quatro anos, em 2 de Abril de 1946, o Campo de Ourique repetiu a organização, com os seguintes resultados: 1.ª Maria Helena Simões, Campo de Ourique; 2.ª Quina Baptista, Lisgás; 3.ª Erelia Gil, Campo de Ourique; 4.ª Tila Pedroso, Benfica; 5.ª Maria Virgínia Aguiar Santos, Sporting.

Entretanto, a Académica da Amadora, em 2 de Agosto de 1946, promoveu no seu rink outro certame do género — para eleição das erainhas e da «princesinha» do patim: títulos esses atribuídos, respectivamente, a Ivone Torres (Lisgás) e Edite Cruz (Benfica). A prova repetiu-se no ano passado, ganhando-a, naquelas designações, Edite Cruz (Benfica) e Maria Antónia de Vasconcelos (Sporting). E há dias voltou a realizar-se o concurso, agora em moldes diferentes, já com características definidas e oficializadas de competição, Maria Virgínia Aguiar Santos (Académica) foi a ven-

cedora — com 375 pontos: 62 nas figuras de escola e 313 em patinagem livre. A simpática ex-sportingista — a melhor de todas as concorrentes, evidentemente, dada a abstenção de Edite Cruz, sem dúvida a mais completa patinadora portuguesa da actualidade — é, por conseguinte, a «Rainha do Patim — 1950». Mas desta vez não houve «princezinhas»...

Classificaram-se depois: 2.ª Natália Maria de Carvalho, Benfica, 221 pontos (46+175); 3.ª Maria Alice Lee Ferreira, Hóquei C. P., 178 pontos (22+156); 4.ª Maria Helena de Oliveira Matos, Benfica, 164 pontos (44+120); 5.ª Maria da Conceição Rodrigues, Benfica, 88 pontos (30+58).

A competição de 1950 faltaram «nomes», além da vencedora anterior, como, por exemplo, a pequenita Maria Antónia, que na falta de Edite talvez tivesse sido a vencedora. Maria Elvira de Sousa Braga, Maria Eduarda Ferradeira e Maria de Lourdes Sales, qualquer delas muito capaz de fazer boa figura. E de entre tantas «Marias» — repararam na coincidência?! — a vencedora era realmente a melhor, como, aliás, o demonstra a própria diferença na pontuação. Portanto — em última análise: não há que discutir as decisões do júri, onde, de resto, estavam pessoas competentes. De que foi a festa, em suma, também só se pode dizer bem: uma noite agradável, aquela que a Académica da Amadora nos ofereceu, que tão cedo não esquecerá. No acto de variedades, abrilhantado pela orquestra do Politeama, sob a direcção do maestro Miguel de Oliveira, tomaram parte as artistas Natália Viana, Maria Doroteia, Maria de Lourdes, Horácio Reinaldo e Fernando Carreira, exibindo-se ainda em patinagem (extra-concurso) Maria Helena de Oliveira Matos — Maria da Conceição Rodrigues e Maria Eduarda Ferradeira.

Uma pergunta — a finalizar: Por que não foram incluídas no acto de variedades as antigas patinadoras Mimi Alcobia ou Tila Pedroso, que são artistas profissionais, tal qual as outras convidadas? Era ao menos uma atracção e até um motivo de estímulo. Mas isso, claro, foi talvez ou lapso dos organizadores... A lembrança, porém, aqui fica — para cometimentos futuros, na Amadora, em nova iniciativa da Académica, ou noutra qualquer organização similar.

## ATLETISMO

### As melhores marcas portuguesas até 30 de Junho

100 m. — Paquete, 10,6 s.; 986 p.; Main e Núnico, 10,8 s.; Mire Dorea, 11 s.  
200 m. — Abreu, 22,7 s.; 792 p.; Casimiro, 22,8 s.; Maia, 22,9 s.; Morais e Figueira, 22,3 s.  
400 m. — Dias, 51,5 s.; 791 p.; Casimiro, 51,9 s.; Canhão, 52,6 s.; Natalo, 52,7 s.; Morais, 53,2 s.  
800 m. — E. Silva, 2 m. 1,4 s.; 767 p.; Branco, 2 m. 1,8 s.; Pena, 2 m. 2,7 s.; Aguiar, 2 m. 2,9 s.; Adelino Monteiro, 2 m. 4 s.  
1500 m. — Ferreira, 4m. 20,8 s.; 701 p.; E. Silva, 4 m. 22,4 s.; Faria, 4 m. 23,6 s.; Guedelha, 4 m. 24,5 s.; Verdial, 4 m. 27,8 s.  
3000 m. — Filipe, 16 m. 0,2 s.; 768 p.; Claudino, 16 m. 4,8 s.; Conde, 16 m. 15,8 s.; Araújo, 16 m. 16 s.; Faria, 16 m. 33,8 s.  
110 m. barreiras — Alcide, 15,7 s.; 818 p.; Carneira, 16 s.; Durão, 16,1 s.; Cunha, 16,2 s.; Lourenço, 16,4 s.  
400 m. barreiras: Natalo, 59,1 s.; 737 p.; Carneira 60,1 s.; Fonseca, 61,1 s.; Coelho 61,5 s.  
Atiras: Matos, 1 m. 80, 786 p.; Falcão, Feio, e Durães, 1 m. 76.

Comprimeto. Dias, 7 m. 26,5, 875 p.; Ponce, 7 m. 01; Mire e Câmara, 7 m.; Alcide, 6 m. 98.  
Triplo: Alcide, 14 m. 64, 876 p.; Vieira, 13 m. 88; Falcão, 13 m. 68; Mendes, 13 m. 59; Pignatelli, 13 m. 43.  
Varo: Durão 3 m. 41, 656 p.; Montalvão, 3 m. 30; Dias, 3 m. 20; Caetano, Vieira e Costa 3 m. 10.  
Peso: M. Silva, 13 m. 96, 806 p.; Cunha, 11 m. 82; Tender, 11 m. 48; Barros, 11 m. 41; Marques, 11 m. 16.  
Disco: M. Silva, 41 m. 93, 769 p.; Tender, 39 m. 05; Albuquerque 36 m. 60; José Luis, 36 m. 44; Pina, 36 m.  
Dardo: Muralha, 50 m. 13, 690 p.; Oliveira, 48 m. 70; Pina, 47 m. 70; Jonet, 47 m. 36; Tamegão, 45 m. 80.  
Martelo: M. Silva, 40 m. 57, 672 p.; Cunha, 37 m. 33.  
A provas em que até à data se alcançaram melhores resultados foram os 100 m., o triplo salto e o comprimeto e o peso.  
Note-se ainda que os seniores ainda não inauguraram a sua época de competições oficiais.

## Joaquim Ferreira Rodrigues

APRESENTA AS ÚLTIMAS NOVIDADES em fotografia

R. Sacadura Cabral, 31

T O M A R

## Estalagem de Santa Iria

T O M A R

(Propriedade municipal — Comissão Municipal de Turismo, patrocinada pelo S. N. I.)

Situada num dos locais mais aprazíveis do País. Quartos em regime de pousada. Serviço de Restaurante. Serviço de Chá.

Esta estalagem, localizada dentro de uma cidade rica de monumentos e de atracções turísticas, encontra-se num recanto agradável, sossegado e acolhedor, embora próximo das estradas Tomar-Coimbra-Leiria-Castelo Branco e Lisboa.

Telefone 3427

## A BELA VISTA

RESTAURANTE

Rua Marquês de Pombal, 68 (Junto à Ponte) — TOMAR

## RODRIGUES FERREIRA

FOTOGRAFIA ARTÍSTICA E TRABALHOS PARA AMADORES

Rua Torres Pinheiro, 30-1.º

T O M A R

Reparações em: Camioteiros automóveis e Motores Industriais

Soldaduras a Autogénio Serviço de Bate-Chapas

AUTO-REPARADORA DE

Ferreira & Jerónimo

Telefone N.º 3429

40 — Av. António da Fonseca Simões — 42

T O M A R

Recomendada por:

Hafsmóvel Club, Sociedade Propaganda de Portugal e Club 100 à Hora

## HOTEL UNIÃO

ÓTIMAS REFEIÇÕES E EMENTAS À ESCOLHA QUARTOS SIMPLES E COM B. W.

TELEGRAMAS: HOTEL UNIÃO FONE 41 AP. T. DO 19

TOMAR (Portugal)

# na capital O NORTE

## UM TERRIVEL CONTRASTE...

**F**OMOS há tempos insistentemente solicitados para dirigir o órgão de um clube. Já havia director, já tudo estava montado, mas se «nós quiséssemos ser dentro do citado jornal alguma coisa desde director ao mais leve cargo» — era só dizer. O desportista que nos falava pelo telefone (estávamos ainda em Lisboa) escreve-nos a confirmar tudo, e tão sério ele é que não precisamos de transcrever aqui parte da sua carta — ainda em nosso poder.

Mais tarde, já instalados no Porto, por transferência por nós pedida há muito tempo, outras pessoas voltaram a assediá-nos com o mesmo convite.

Ao primeiro e a todos os demais dissemos sempre que não queríamos «atropelar» fosse quem fosse, nem mesmo aqueles elementos de pouca simpatia para nós. Dentro da sede do próprio clube nos disseram um dia alguns dirigentes:

— Isto estava bem nas suas mãos. V. podia tomar conta disto. Pense bem...

— Já pensei — foi sempre a resposta. Eu nunca recebi uma tostão deste clube. Tenho-lhe dado o melhor da minha actividade, ofrendo com ele, gastando por ele algum dinheiro. Quando em Lisboa, muitas e muitas vezes lhe tratei de assuntos de interesse, mantendo-me em ligações telefónicas durante largo tempo, correndo a cidade de táxi para o servir. Tantos o podem confirmar.

«Não lá dentro do clube uma conta destas despesas. Logo, também me repugna receber dinheiro. Nem quero «atropelar» ninguém, meus amigos! Repugna-me. Para ele, só trabalhando de graça — «u quando as minhas possibilidades, cá fora, estivessem inteiramente comprometidas. Por agora não, graças a Deus!»

Talvez tivesse falado então de muitas obrigações que cabem a um jornalista profissional. Um jornalista que se preza e deseja dignificar-se não contribui de nenhum modo, como delator ou como elemento abespinhado, talvez naufrago em procura de tábua salva-vidas, para o mal-estar de pessoas que trabalham com a mesma enxada. Um jornalista tem de ser crítico de acções desenvolvidas à sua vista, mas não desce nunca ao papel de vulgar criança amimada, daquelas crianças que se agarram à roupa da mamã a gritar:

— Acaba-me que este senhor quer bater-me!

— Porque, meu filho?

— Disse uma Verdade que ninguém deveria saber...

O contraste, meus amigos — é terrível e triste!

RODRIGUES TELES

## Curiosidades...

O engenheiro Alfredo Ferreira, que pediu a sua demissão de presidente da Direcção do popular Salgueiros, viu a sua palavra cortada na segunda sessão de assembleia geral do seu clube. Por isso mesmo, agarrado ao propósito de se fazer ouvir, enviou ao sr. Director Geral dos Desportos uma longa exposição sobre estes factos.

● Indignou-se para director da próxima «Volta a Portugal» o conhecido desportista Fernando Barbedo, timoneiro da equipa de remo do Sport Clube do Porto. Até à data em que escrevemos; porém, Fernando Barbedo ainda não deu a sua adesão, sendo de esperar que a escolha vá cair noutra pessoa.

● Alguns clubes portugueses sentiram-se desconsiderados com o facto da organização da «Volta» atender reclamações lisboetas, alterando por isso os regulamentos na Capital, e só depois de ter sido chamada a sua atenção para o caso haver promovido uma reunião nesta cidade.

É preciso ter em conta; porém, que uma prova desta natureza obriga a muitos trabalhos, e que nem tudo se pode fazer do pé para a mão.

● Muitas reuniões se têm feito a fim de ser tratado um caso que interessa prenentemente a importante clube desta cidade. Embora se julgue o contrário, passam-se coisas de certo modo graves. Talvez um dia se fale nisto — mas no momento em que o prestígio do mesmo clube não sofra qualquer beliscadela. Somos pelo «clubes» contra os que o servem mal!

● Armando Moura tomou o lugar de Arnaldo Borges na direcção do atletismo do F. C. Porto. O novo orientador técnico conhece como poucos a modalidade, que praticou há anos, e pode por isso fazer prosseguir a obra de Arnaldo Borges. Faça-se-lhe a justiça que merece.

● A «dança dos alcatruzes» continua, e agora mais apressadamente. Procura-se a todo o transe desfazer na liberdade que ao crítico dos maus trabalhos directivos deve caber, e com isso deixam as massas desportivas de tomar conhecimento directo dos acontecimentos produzidos. Nega-se a Verdade com um despalte que arripia, e molesta-se proposadamente quantos têm levado a vida agarrados a uma devoção que não pode imitar. Claro: — o clube continua e há-de sair-se airoso da borrasca. Nessa altura, os alcatruzes devem trazer doutra água, ou nenhuma, se tiver secado o poço...

## A Demissão

do presidente da assembleia  
geral do F. C. do Porto

Confirma-se, evidentemente, a notícia de ter o dr. Cesário Bonito solicitado a demissão de presidente da Assembleia Geral do F. C. Porto. Quando damos uma notícia deste quilate, é porque ela corresponde inteiramente à Verdade. Todavia, com gestos de insolência, mesmo atrevidamente, quiseram desmentir uma coisa que toda a gente sabe. E toda a gente sabe, igualmente, porque pediu a demissão o ilustre desportista.

Estivemos há dias com o dr. Cesário Bonito. Confirmou o pedido de demissão e mantém-se dentro dele com a dignidade e a compostura que sempre lhe conhecemos. Infelizmente para o F. C. Porto, não o conhece quem nos últimos tempos se deu ao entretenimento estranho de desmentir realidades e informações que temos obrigação de dar aos leitores, ao tomar conhecimento delas.

Em volta do dr. Cesário Bonito tem-se feito largas diligências no sentido de o demover dos seus intentos. Até ao presente momento — escrevemos sempre muito antes da Revista sair — até ao presente momento, repetimos, recusou-se o distinto desportista a regressar ao mais alto cargo do F. C. Porto. O presidente do clube, que assim se pode chamar ao presidente da Assembleia Geral, conhece bem o volume da desconsideração que lhe fizeram.

## A MORTE de Jaime Campos

Conhecíamos Jaime de Campos desde os tempos em que o desventurado desportista se batia em várias provas pedestres com alguns dos melhores especialistas: António de Almeida, Domingos Jorge, Ceólio Costa, Diamantino França e muitos mais. Jaime de Campos alinhava no F. C. do Porto, e lá na sede do clube existem vários trofeus que ajudou a conquistar. O pobre do Jaime era um atleta valeroso e cheio de qualidades para o atletismo.

Na mesma altura, dedicou-se ao futebol, actuando nas categorias inferiores do F. C. Porto — na ocasião em que desde manhã à noite se fazia futebol de Campeonato.

Atraído pelos desportos mecânicos, Jaime de Campos dedicou-se ao motociclismo com fervor. Foi campeão. E se a máquina o ajudasse, talvez houvesse muito pouco quem fosse capaz de o bater. Preparava-se actualmente para ir correr ao estrangeiro. A morte, porém, espreitava-o. Jaime tombou para sempre há pouco mais de oito dias, num lance de má sorte.

O seu desastre impressionou o público do Porto. Prova-o um funeral concorridíssimo. Todavia — apareceram apenas as bandeiras do Moto Clube e do popular Salgueiros. Do F. C. Porto, o clube que tem de o recordar através da sua história honrada — nem a bandeira, nem um simples convite para o funeral. Enfim: paz à sua alma.

## Curiosidades...

## DOIS ASSUNTOS...

### A visita do F. C. do Porto aos Açores

O F. C. Porto regressou da sua visita aos Açores. Ganhou todos os jogos menos um na Madeira, contra o Marítimo. Parece, porém, que o grupo de honra do F. C. Porto poderia ter deixado atrás de si rasto mais luminoso. Não desjicimos fazer qualquer relato dos acontecimentos, nem confundir os autores de notícias que assentam em aplauso confuso aos sucessos da excursão. Basta ouvir falar alguns jogadores...

De todos os modos, deve vincar-se que o F. C. Porto não é infelizmente o «grande clube» que merecia ser. Tem a sua volta numeroso grupo de admiradores, habita num meio que o estima e considera, mas falta-lhe quem por vezes encaminhe as suas aspirações com a «altura» das suas responsabilidades. Lamentamo-lo tão sinceramente quanto é certo que alguma coisa doe o ridículo em que se colocam em casos respeitáveis. O F. C. Porto é o primeiro clube desta cidade, o que mais tem defendido os seus bens desportivos, e precisa também de ser colocado definitivamente no lugar onde não chegou ainda — por culpas que não pertencem a todos os seus admiradores. Ao desejo sério de progredir com firmeza opõe-se uma barreira que delimita um sonho antigo, mas por certo se chegará um dia ao desejado triunfo.

### A nova «Volta a Portugal»

Os corredores preparam já as suas máquinas para a nova Volta... Promove-se desta vez o «Diário do Norte» e a ela

concorrem os clubes mais devotados ao ciclismo: Sporting, Benfica, Campo de Ourique, Louletano, F. C. Porto, Académico e Sargalhos. O Sporting, o Académico e o Sargalhos alinham nas suas equipas valerosos ciclistas estrangeiros. Veremos na competição Mário Fátio, Felix Bermudez, Bernardo Ruiz, Serra, Langarica, Capot, Manolo e Emilio Rodriguez. Tudo ciclistas do primeiro plano.

O F. C. Porto, desta vez, acompanhará o Benfica, o Campo de Ourique e o Louletano, apresentando apenas corredores portugueses. Julgou-se ainda que os portugueses aceitavam a colaboração, insistentemente pedida, de Jorge Valmitjana. O alegre argentino, deverá comparecer na próxima «Volta», mas enquadrado num grupo francês que pretende alinhar na maior competição velocípica portuguesa.

Espera-se que a próxima «Volta», tendo quase todas as etapas pela manhã, corresponda em êxito a todas as anteriores. Sabemos que muito se trabalha nesse sentido.

## ANTÓNIO LOPES QUINTAS & C.<sup>a</sup>

TOMAR

ARTIGOS ELÉCTRICOS E  
FOTOGRAFICOS ● PAPELARIA  
E NOVIDADES ● PEÇAS E  
ACCESÓRIOS PARA AUTO-  
MÓVEIS ● ÓLEOS, GASOLINA  
E PNEUS DAS MELHORES  
MARCAS

# O 4º campeonato do mundo DE FUTEBOL



O guarda-redes da Suécia transforma em canto um forte remate do diabólico Ademir. Zizinho observa o lance!



A 30 metros, Jair, na marcação de um livre, desferiu um tiro de grande potência e direcção. Svensson defende com dificuldade, e o boné salta-lhe da cabeça...

BRASIL, 7 - SUECIA, 1



Xico faz o 7.º golo do Brasil. Quando os remates são fortes — não há nada a fazer...



Ademir remata e marca com brilho o primeiro golo. Svensson, guarda-redes da Suécia, nada pode fazer — apesar da estirada!



Ademir driblou todos os adversários que lhe surgiram e rematou a contar. O guarda-redes conserva-se ainda numa posição estranha...

## URUGUAI PELA 2ª VEZ CAMPEÃO DO MUNDO



Maspoli, o guarda-redes do Uruguai, defende sob as vistas da sua defesa.

**URUGUAI, 2**  
**ESPAÑHA, 2**



Maspoli, guarda-redes do Uruguai, antecipa-se ao adversário e ágilmente bloca a bola.



Panizo, de cabeça, tenta rematar com êxito, mas o guarda-redes do Uruguai está atento.



O primeiro golo de Espanha marcado por Basora que se vê no chão. Foi uma jogada de futebol.

A seleção do Uruguai que, vencendo o Brasil por 2-1, no jogo final do poule dos 4 Grupos, se classificou Campeão do Mundo de futebol.



# COMO TRABALHAM OS JORNALISTAS DESPORTIVOS

(Conclusão da pág. 5)

tidas quanto às europeias. Aprendi muito. Se as deslocações tivessem que ser suportadas por mim, certamente não teria passado das Caldas... ou com um bécadinho de boa vontade... talvez tivesse chegado ao Porto, Portugal, o mesmo maravilhoso país, conheço-o todo, pois fui às Voltas de 1940 e 1941, em missão do «Diário de Notícias», que todavia as não organizou. Nos demais anos, fiquei na «caravana imóvel», como nós chamamos ao grupo que perde as noites, para receber as notícias dos enviados especiais à prova. Neste particular, tenho a impressão de que é impossível fazer-se mais do que se verificou no «Diário de Notícias» em 1939, com a perfeita conjugação das duas caravanas.

«Se há outros camaradas que têm viajado mais do que eu, em trabalho sobre as tarefas da selecção nacional estou «à cabeça», o que se não me dá particular orgulho, satisfaz-me bastante por ter podido servir o meu clube... que é, de facto, a selecção portuguesa, visto o Casa Pia ser uma «coisa» muito querida com um lugar à parte na minha coração. Os últimos 27 campeonatos internacionais foram relatados por mim, que os realizei em Portugal que os efectivei lá fora. No total de 67 haviados, só falhei 8, sempre a trabalhar».

Uma ligeira interrupção. Depois: Conheço a Madeira, onde estive em serviço de «Os Sports» em 1938. Viagem encantadora com vinculado espírito de camaradagem e de disciplina inultrapassável. Alguns nomes: dr. Magalhães Godinho, Jaime Guedes e dr. Brito da Câmara, este presidente da A. F. do Funchal.

«O meu contentamento pela profissão não advém só das viagens. Vim para o jornalismo por atração, melhor dizendo, por vocação. A força de ler artigos desportivos sobre o movimento nacional e estrangeiro, arreigou-se-me na ideia de escrever também. Ainda permaneci nestas andanças volvidas muitos anos. Estou grato ao público, aos camaradas e aos clubes pelas bastas provas de apreço que me têm dispensado sempre. Até hoje, e assim continuarei, todas as iniciativas dignas de aplauso, todas as atitudes assumidas com aprumo, dentro do espírito de justiça elementar em que se devem julgar, encontrarão na minha pena o auxílio e o incentivo desejados, para que frutifiquem».

Sobre o jornalismo desportivo português...

«Considero-o dos mais sérios que existem em todos os países com esta suprema qualidade: nunca é apanhado de surpresa pelos acontecimentos, nem pelas organizações de quem quer que seja. Pelo contrário, marcha sempre à frente — quem quiser prestar-lhe as homenagens devidas, tem de considerar que o jornalismo desportivo, e ainda pelas qualidades dos que o servem, do que pela sua própria função, tem sido o estelo de tudo quanto se tem feito, sugerindo, «campanhando», esclarecendo, enfim, criando! E já que abordei o assunto, quero frisar que o campo único para as notícias desportivas não, de facto, são os jornais de especialidade. A imprensa diária, tem sérias dificuldades, por falta de espaço, na inserção de notícias sobre os acontecimentos do desporto. Para que não falem referências, embora resumidas, quantas e quantas vezes, não se sacrificam assuntos importantes enquadrados na índole do jornal... Esta explicação, vem a talhe de foice, para justificar a atitude assumida, cortando cerce possíveis más interpretações.

«Gosto, imenso, de desporto, repito, pela beleza que no seu todo encerra. Falando de futebol, não acredito que haja quem mais o aprecie e ame do que eu. Tanto admito... Quando vejo um jogo, entrego-me completamente ao seu desenrolar e à actuação dos seus intervenientes. Só assim se pode «ver». De outro modo não. Fixa-se apenas parte, o que é pouco para quem tem por missão fazer a sua crítica. E nesta crítica, que está a ideia uma vez definida por António Ferro, de que a imparcialidade de quem escreve está grandemente sujeita à parcialidade de quem lê. Também Ribeiro dos Reis está dentro da verdade e da razão, quando lhe disse que não se deve transigir com o público. Por mim, tenho como certo de que sou imparcial, e talvez que a maior parte dos meus leitores sinta de forma idêntica».

Com veemência: — Não pertencio a nenhum dos clubes grandes, médios ou pequenos e de todos, aqui ou ali, por este ou aquele preço, tenho recebido a atenção, assim como das Federações e Associações. Pertencio, como se sabe, ao Casa Pia A. C. que para mim, não pertence a qualquer dos grupos citados, porque é único. Mas a minha

actividade de ensapiano clubista, em sectores de expressão de equipas, é simplesmente nula. Passam-se épocas sem os ver jogar. Na época finda só assisti a um encontro, em casa, contra o Alameda, em Santo Amaro, e na anterior ao desafio de competição com o Alameda. Não há paixão clubista que me vença, porque muito acima delas, está o desporto. No entanto, respeito, como é dever, as aspirações dos contrincentes e essas faço todo o possível por apresentá-las aos leitores, com um ou outro toque de humanidade (o *humano-touch* dos ingleses) para que o jogador ou o clube, encontrem o seu espírito compreendido pelo do articulista. Alguns atletas têm publicamente manifestado o seu agradecimento pelos ensinamentos recebidos através dos escritos. Na época finda, dois, cujos nomes não interessam esqueceram-me. A ambos não conhecia pessoalmente. Respondi-lhes, de pronto, com palavras de incentivo. Mais tarde vi-os. Um cumprimentou-me e no outro cumprimentei-o. Não tenho jeito para a popularidade nem a pretendo... porque nos dá muita tranquilidade, o passarmos despercebidos.

## Novos valores do jornalismo português

— Concorro com o aparecimento de nomes novos, para que do contacto com os mais sabedores, se verifique, no futuro, aquela continuidade necessária para manutenção de brilhantismo do jornalismo desportivo?

«Evidentemente. Muitos já estão em actividade e com a inapreciável vantagem de encontrarem o caminho desbravado de escolhos, pelos mais antigos, que, quando tinham a idade deles, dispunham de menos padrões... Todos eles encontram nos mais antigos o desejo de os valorizarem, não obstante haver quem afirmasse publicamente que os mais antigos já estavam usados em demasia... Achei graça à impertinência. Vou citar-lhe alguns dos camaradas que comigo trabalham no «Diário Popular», o jornal que mais espaço dedica ao desporto, sobretudo para os de fora. Manuel Alexandre João. À sua acção em «A Bola» veio valorizar imenso o nível do jornalismo desportivo, quero declarar. Quanto aos que comigo privam, José Rodrigues Lopes, Rufino Sena e Jorge Monteiro são os mais antigos e já se firmaram como valores positivos. O último, pelos serviços prestados ao quei patinado, tinha já a acompanhar a equipa no estrangeiro, o que ainda não se verificou... por esquecimento da Federação de Patinagem. Outros mais novos: Alves dos Santos, Henrique Parreira, Aurélio Márcio, António Lopes, Manuel Alexandre (que leva a carta do Garcia como por graça lhe dissemos), Craveiro Lopes, Virgílio Pedrosa, Mira Barroso, Alvaro Proença, Leonídio Martins (o regedor do Barreiro como lhe chamamos), Moreira Lopes, Joaquim Castro, Joaquim Teixeira, Manuel Mesquita, António Lages, Fernando Salgueiro, José Aguiar, Elísio Rodrigues, F. Amorim, Fernando Pereira, Pedro Cruz, Mário Martins, todos bons colaboradores e alguns com nome feito. Por fim, Alvaro Torres e Carlos Pinheiro duas certezas. A nenhum destes elementos eu dei a mais pequena «dica», mas sim, os mais frequentes incitamentos e um reconhecimento constante das suas possibilidades e capacidades, sempre na posição de camarada, com mais direito a falar por ser o mais velho e experiente.

«Não protejo nem elogio para favorecer, mas quando elogio, às vezes com antecedência de mais, no dizer de muitos, raras vezes me engano. Quando não faço referências, o desportista não se sente apoucado».

## A maneira de trabalhar do jornalista e algumas recordações da sua vida de jogador e de crítico

— Não me escusa a responder — começou Ricardo Ornelas. Todos os dias eu e o Rufino Sena nos encontramos no «Popular», durante o tempo destinado ao almoço, para troca de impressões sobre o serviço. As páginas de 5.ª feita ficam na noite da véspera e com o noticiário do dia; as das 2.ª feiras, na noite de domingo até de madrugada, em casa, depois de sair do «Diário de Notícias», ou então, levantando-me muito mais cedo, na segunda-feira. A hora do almoço vou rever o principal e paginar. «As críticas são preparadas no campo, com apontamentos que só eu percebo, favorecido embora por memória visual e retentiva na interpretação das jogadas. Do campo até ao jornal, onde estou regra geral meia hora depois, ordens as fôleas

para o trabalho a executar. Não o começo, no entanto, imediatamente, se não por desafio internacional. E não começo, porque antes tenho de atentar nas classificações, ver as fotos que o Benoliel ou o Marques da Costa me entregam para fazer a «maquete» das duas páginas. Isto absorve-me o tempo até à entrada para o «Notícias». Por sistema, faço a peça maior à máquina, porque dactilografando o original, tenho a medida certa do espaço que dará e, este, claro, é condicionado ao total a apresentar ao leitor. Tenho neste jornal a mais completa liberdade de acção, devido ao carinho e espírito de compreensão pelos temas desportivos do ilustre director Luis Forjaz Trigueiros e do distinto chefe de redacção dr. Fernando Teixeira, assim como dos srs. Henrique Balsemão, dr. Brás de Medeiros, dr. Jaime Afreixo e dr. Manuel Portugal. Todos têm contribuído, com o seu interesse, para a valorização das páginas desportivas e inserção das notícias, além da grata consideração pessoal dispensada, que muito me desvanesce e agradeço.

— Quanto a recordações? — Vou citar-lhe algumas. Os jogos olímpicos de Londres, em 1948, com três palestras na B. B. C.; o torneio olímpico de Amsterdão, com o gol de Augusto Silva; a ida a Montevideu, em 1930, com passagem pelo maravilhoso Brasil no regresso; a vitória de Dublin, em 1947, como o primeiro espectador que o Tavares da Silva procurou abraçar; o desafio de Glasgow e a visita ao campo do Arsenal, de Londres; a vitória sobre a Espanha, em 1947; o França-Portugal, em Paris, em 1949, em plena guerra, e, por fim e não me fadigar, a mais longuinha, a ida à cidade-luz, em 1920, com o Casa Pia. Na nossa terra, as duas Voltas a Portugal, em bicicleta.

— Quanto à sua acção como praticante, que me pode dizer, Ornelas?

— Inquirimos: — Joguei futebol, no campeonato escolar de 1915-1916, em representação de uma escola, onde estava matriculado na aula de... dança! Oficialmente disputei 120 desafios, tendo marcado 104 golos! Fui mau jogador... talvez uma terceira categoria... e daquelas que não têm sempre lugar na equipa. Era pouco usado e, geralmente, dizia para os adversários: Olha que eu tenho de ir amanhã para o escritório!

«Em 31 de Dezembro de 1916 joguei a guarda-redes do Benfica, em um jogo

travado na Amadora, devido a Francisco Vieira (o Chiquinho) ter perdido o comboio. Este desafio estragou-me a carreira... No Benfica não tinha lugar e ficou-me vedada a disputa do campeonato escolar. Em 1926, ainda joguei na 4.ª categoria do Casa Pia A. C. A minha predilecção foi sempre o «futebol maluco», amador com por cento, em que cada um dava largas ao temperamento... e em que se compravam as fitas de nastro para segurar as meias... Para fechar, mais este esclarecimento: Com alguma ginástica alarguei mas não cresci. A prática da natação também ajudou a criar a resistência que tem sido precisa para trabalhar tanto e há tantos anos... Consideramos finda a troca de impressões, registando com o maior apreço a gentileza amistosa do ilustre jornalista, a quem nos confessamos reconhecidos, embora pesarmos por não poder dar mais relevância ao muito que nos disse.

PITTA CASTELEJO

## O INTERNACIONAL

francês HON alinhará no MADRID?

O defesa central francês Louis Hon, do Stade Français, está em Madrid afim de entrevistar-se com os directivos do Real Madrid sobre a sua transferência para este clube. A cifra pedida por este jogador ultrapassa em muito a oferecida pelo Madrid. Contudo, espera-se que tanto a direcção do clube espanhol como Hon cheguem a acordo visto este jogador não querer jogar esta temporada em França.

Depois de visitar Tomar, não se esqueça visitar «A JOANINHA», onde ficará encantada por adquirir os seus tecidos, e sempre os mais limitados preços

**A JOANINHA** de Joaquim Lopes Paria

RETROZ-RIA, CAMISARIA, TECIDOS, SEDAS, MALHAS E NOVIDADES

Rua e Travessa de S. João

TOMAR

Óptimos Quartos

Esmerado serviço de mesa

Telefone

3 2 6 2

## Pensão Lisbonense

(Antigo Hotel Nabão)

Rua Everard, 16

TOMAR

## CASA DOS PANOS

DE

José Manuel Afonso da Pinheira Júnior

FAZENDAS E MIUDEZAS

Panos de linho e algodão. Colchas de seda e lanifilios. Sedas nacionais e estrangeiras

AVENIDA TORRES PINHEIRO, N.º 144 E 146

Telef. 3634

TOMAR



**ALFAIATARIA**  
DE **LOPES & LOPES, L.<sup>da</sup>**  
ALFAIATE COSTUREIRO

Confecções para  
homem e senhora

Praça da República, 35-1.º — TOMAR

**CAFÉ PARAISO**

Rua Serpa Pinto — TOMAR  
AS MAIS MODERNAS INSTALAÇÕES

Esplêndido serviço de Pastelaria, Cervejaria, Chá e Café  
**BIFES À PARAISO**  
Especialidades de Tomar

**José Patrício**

Vinhos e Mercenarias  
— TOMAR —

CONFEITARIA E PASTELARIA TOMARENSE

**José Rodrigues Alvarez (Herdeiros)**

Especialidades

Bolos de Côco e Queijadas de Tomar

Praça da República, 32-34 — Telef. 3413 TOMAR

**Sociedade Mercantil Tomarense, L.<sup>da</sup>**

Armazém de Mercenarias

Torrefacção e moagem de café  
Fábrica de confeitaria

Telef. 3219 TOMAR

AUTO-GARAGE Telef. 153

**A VIEIRA CATRAU**

Officina de reparação completa de automóveis e de todos os motores industriais  
OFICINA DE PINTURA À PISTOLA

Avenida Nuno Álvares Pereira TOMAR

**João Ferreira Pinho & Filhos, L.<sup>da</sup>**

TELEFONE 3313

Rua Serpa Pinto, N.ºs 20-24 — TOMAR

Agentes de:

LUSALITE • CIMENTO «LIZ» • ROBBIALAC  
CIDLA — Combustíveis Industriais e Domésticos.

COMPANHIA AURIFÍCIA — Depósito de pregaria, chumbo laminado e arame farpado.

LAMPADAS «Tungstram».

Material de Apicultura — Óleos Lubrificantes — Materiais de Construção

**RUGBY**

**TERMOS E DEFINIÇÕES**

II

**Adiantado (passe)** — É o lançamento da bola, com a mão ou com o braço afastado do corpo e na direcção da baliza adversária (em ângulo além da linha transversal do campo).

**Área de validação** — A faixa de terreno compreendida entre as linhas de baliza e de bola morta e os prolongamentos das linhas laterais. A linha de baliza faz parte desta área.

**Detenção** — Diz-se que há detenção quando o portador da bola é agarrado por um ou mais jogadores do partido contrário, de maneira que fique impossibilitado de a passar ou jogar.

**Driblar** — Fazer avançar a bola por meio de pequenos toques consecutivos com os pés.

**Formação** — Diz-se que há formação quando vários jogadores dos dois grupos se reúnem em volta da bola caída no solo (formação aberta) ou se colocam em blocos opostos esperando a bola e por forma a permitir que seja colocada entre ambos (formação fechada).

**Ensaio** — Ganha-se um ensaio sempre que um jogador toca em primeiro lugar com a mão na bola, no solo, dentro da área de validação adversária (vale 3 pontos).

**Golo** — Para marcar um golo é preciso enviar a bola por meio de pontapé de ressalto no decurso de uma jogada (valor, 3 pontos) ou de pontapé colocado (após ensaio, valor 2 pontos; por penalidade, valor, 3 pontos), directamente do terreno de jogo por cima da barra transversal da baliza, quer a bola toque ou não esta barra ou qual-

quer dos postes laterais, desde que passe entre estes e não haja tocado, a partir do momento do pontapé, novamente no solo ou em qualquer jogador.

**Linha de bola morta** — Linha traçada a uma distância não superior a 22 metros além da linha de baliza e paralela a esta.

**Paragem directa** — Tem lugar quando um jogador parado no terreno segura a bola vindo pelo ar em consequência de pontapé ou passe adiantado executado pelo adversário.

**Pontapé colocado** — Executa-se batendo com o pé na bola, previamente colocada no solo para esse fim.

**Pontapé directo** — Executa-se deixando cair a bola das mãos e batendo-lhe com o pé antes de tocar no solo.

**Pontapé inicial** — Pontapé colocado, dado no centro do terreno e por meio do qual se põe a bola em jogo.

**Pontapé de ressalto** — Executa-se deixando cair a bola no salto e batendo-lhe com o pé no início do ressalto.

**Pontapé de saída** — Pontapé directo dado a menos de 22 metros da linha de baliza e servindo para recomençar o jogo após tocada ou bola morta.

**Ressalto** — Quando a bola salta para a frente por haver batido em qualquer parte do corpo do jogador, excepto braços ou mãos. Não é causa de penalidade.

**Tocado** — Considera-se bola tocada quando um jogador toca em primeiro lugar com a mão na bola, no solo, dentro da própria área de validação.

SALAZAR CARREIRA

**CRONOMETRAGENS**

**ESTA** questão das cronometragens nos torneios de atletismo é daquelas que anda na boca de toda a gente, que todos os técnicos ou dirigentes ligados à modalidade sabem que não anda certa, mas para cuja solução regular ninguém dá um passo.

A Federação, organismo competente para resolver o assunto, praticamente nada realizou; e quando se fala do problema, apparecem logo uns tais a envenenar a atmosfera com insinuações gratuitas.

O caso precisa de ser posto a claro; num dos seus últimos números o nosso colega «Records» apresentava duas fotografias de chegadas com a indicação dos tempos atribuídos aos corredores, que era o mais esmagador libelo contra a «distração» dos cronometristas oficiais.

A que attribuir estas irregularidades, que os tempos alcançados no estrangeiro pelos nossos corredores confirmam sempre?

Em primeiro lugar, ao emprego de pistolas que não são convenientes; o pequeno modelo que usamos, não dá chama e o fumo vê-se mal. É indispensável pistola

de maior calibre, que permita usar cartuchos de pólvora negra.

Em seguida verifica-se que os cronógrafos usados não estão aferidos; qualquer serve, na mão de qualquer pessoa.

A Federação deve exigir um certificado de regularidade de funcionamento de cada aparelho usado, firmado por entidade competente. E, depois, sujeitar a exame todos os candidatos, aceitando apenas aqueles que dêem boa prova; para exercer tal função é indispensável boa visão e rapidez de reflexos. Nem todas as pessoas dedicadas e de boa vontade possuem estes dois dotes.

Ouvimos afirmar a uma pessoa habitual componente dos juris, que os cronógrafos nas mãos de certos oficiais marcavam sempre mais dois décimos do que os outros; por alguma razão há-de ser.

Parece-nos que foi já aprovado juntamente com os novos regulamentos, o estatuto do colégio de juizes e cronometristas, cuja criação é imposta por lei. É de toda a urgência nomear a Comissão Central, para que sejam em definitivo reguladas certas anormalidades que influem na verdade do atletismo português.

# ATLETISMO

## CAMPEONATOS REGIONAIS DE JUNIORES BRAVO, RAPAZES!



Carlos Graça, do Sporting, conclui triunfante a final dos 100 metros, em 20 segundos e 9, batendo assim o recorde nacional, que o juri não considerou — pelo favor do vento...



Carlos Graça, do Sporting, vencedor da corrida de 200 metros, com o tempo de 23 segundos



Luis Alcide, do Benfica, tentou bater o recorde dos 110 metros barreiras. Mas o tempo não foi homologado por causa do vento



Adelino Monteiro, o sportinguista 1.º na prova de 800 metros, que estabeleceu novo recorde nacional



Alvaro Mendes, do Sporting, vencedor do triplo salto com 13 metros e 75, novo máximo nacional

**F**ORAM, sem dúvida, os melhores de sempre, estes regionais dos juniores: magnífico lote de atletas, resultados dignos da categoria superior. Desportivamente, só podemos dispensar aplausos, congratulamo-nos; lamentável, apenas, a deficiência de organização, que já se não coaduna com o progresso actual do atletismo português.

No sábado, as demoras entre as provas atiraram com o fim da reunião para as oito e meia da noite; não era por falta de gente na pista, que as coisas não marchavam. Durante o salto em comprimento, contamos nas imediações 25 pessoas sem funções na prova, a tomarem ar, passeando na pista, cavando em grupinhos.

No domingo foi pior, de certa altura em diante: os lançadores do dardo, depois de longa espera ao sol, no local da prova, foram obrigados a chamar assistência em coro, para que aparecessem os juizes de concurso; o triplo-salto foi interrompido vezes sem conta, até quando houve uma bronca na bancada e os membros do juri foram ver de que se tratava. Assim, não vai bem.

As reuniões de atletismo em Lisboa, acostumaram-nos a ordem, sequência, disciplina; é indispensável não perder o ritmo, e suponhamos que foi uma vez sem exemplo.

Da excelência dos resultados, que é o que importa, tiremos motivo para indulgente boa disposição. Em dezoito provas superaram-se nove recordes nacionais e mais um regional: 10,9 s. nos 100 m., mesmo com vento favorável; 2 m. 3,5 s. nos 800 m., 16 s. nas barreiras, 16 m. 18,6 s. na légua e 4 m. 22,8 s. nos 1500 m.; 6<sup>m</sup>,875 em comprimento e 13<sup>m</sup>,73 no triplo, são marcas francamente boas para rapazes de 18 a 20 anos, com a preparação que em Portugal podem receber nos anos antecedentes.

O Sporting foi o grande triunfador: ganhou todas as corridas, menos os 110 m. barreiras e todos os saltos, excepto com vara; a equipa fraquejou nos lançamentos, mas a sua superioridade sobre os adversários foi esmagadora. Os seus melhores elementos são, para nós, Fernando Ponce, Carlos Graça,



Albuquerque, do Benfica, lançou o peso a 18 metros e 545, conquistando o primeiro lugar e melhorando também o recorde nacional no lançamento do martelo



Jones Fernandes, do Sporting, vencedor dos 1.500 metros, em 4 minutos e 23,8 segundos — novo recorde nacional

(Continua na pág. 14)



Camêira, Ochoa, Mealha e Coutinho, a equipa do Sporting, 1.ª classificada na estafeta de 4 x 400 m., em 8 m. 34,4 s. — Novo recorde nacional



Fernando Ponce, do Sporting, vencedor do salto em comprimento com 8 metros 865, novo recordman



A equipa do Sporting (Ponce, Nunes, Edgar e Graça) vencedora em 4 x 100 metros. Igualou o respectivo recorde

## RICARDO ORNELAS

UM DOS MAIS BRILHANTES CRÍTICOS DESPORTIVOS

REVELA-NOS A SUA VIDA JORNALÍSTICA, INICIADA EM 1918

**O** jornalista desta semana é, sem dúvida, dos que maior prestígio gozam no meio desportivo. Culto, inteligente, desassombrado, as suas opiniões são respeitadas e os seus escritos lidos com o maior interesse e avidez.

Trabalhador incansável, consome o tempo, após os seus afazeres profissionais na Companhia Nacional de Navegação, no «Diário de Notícias» e «Diário Popular». Não é, somente, um dos grandes nomes dos que escrevem sobre desporto. É também um jornalista distinto da imprensa diária.

Ricardo Ornelas, a quem nos ligam fortes laços de estima e admiração, não se fez rogado quando lhe pedimos que nos contasse a sua vida jornalística e a forma como trabalha. Ao invés, com a maior espontaneidade, pôs-se ao nosso dispor, afirmando, todavia, que duvidava o assunto tivesse interesse...

Em obediência ao critério imposto neste inquérito, com base no espaço de que dispomos, inserimos, apenas, as principais afirmações e alguns dados biográficos.

### O dirigente

Ricardo Ornelas não se impôs só como jornalista. Como dirigente, congressista e publicista também firmou posição destacada. Eis uma breve resenha da sua actividade.

Membro da Comissão de Futebol do Sport Lisboa e Benfica em 1916; membro do Comité de Seleção, em 1922, na vaga deixada pelo eng. Reis Gonçalves, e, ainda, em 1928 e 1929; seleccionador nacional substituído em 1934, quando dos 9-0, apenas para acompanhar a equipa; membro do Comité Técnico da A. F. L. em 1922 e de 1926 a 1930; secretário da A. F. L. em 1926 e 1927; e director do Casa Pia em 1925-1926.

Em 1943 foi a primeira pessoa convidada pela novel Direcção Geral dos Desportos para seleccionador nacional de futebol, mas não aceitou. Também recusou, por falta de tempo, o convite que lhe foi feito pela actual Comissão Administrativa da Federação Portuguesa de Futebol, para fazer parte do Comité de Recepção.

Publicou os seguintes livros: em 1927-1928 o «Anuário do Futebol Português», de parceria com Ribeiro dos Reis e no ano seguinte «O Futebol e as suas leis», com o mesmo crítico; «Os cem desafios Benfica-Sportings», com Rebelo da Silva; «Vinte anos de futebol», em 1941; e, recentemente, com a colaboração de Carlos Pinhão, «Números e nomes do futebol português».

Em 1933, no Congresso dos clubes desportivos, iniciativa de «Os Sports», apresentou uma tese intitulada «A evolução dos clubes desportivos» e em 1938, no Congresso do Cinquentenário do Futebol, promovido pelo «Século»,



uma outra denominada «A divulgação das leis do futebol».

### O jornalista

Sob esta faceta, apresentamos, em síntese, as declarações produzidas:

— Comecei a escrever no «Sport de Lisboa» em Julho de 1918, após conversa havida com Ribeiro dos Reis, no Rossio, em encontro fortuito. Dedeiquei-me, durante algum tempo, a versar assuntos do estrangeiro, abordando todas as modalidades e, mais tarde, escrevi várias crónicas, sobretudo de natação. Anteriormente já este jornal publicava quadros meus de classicidade, mercê da amizade de Cosme Damião, sabedor de que os meus apontamentos sobre o desporto português datavam de 1894! Quando em Janeiro de 1920, com o Augusto Faria, já falecido, o Álvaro da Fonseca, o Manuel da Cruz e o Cândido de Oliveira fundámos a revista «Football»; já eu fazia críticas da modalidade, antigas, resultados, jogos etc. estrangeiro e de alusões, a propósito de tudo e de nada, a «coisas» antigas, resultados, jogos etc. Neste jornal o Cândido escreveu o artigo de fundo e o Manuel Cruz, os artigos filosóficos. Entre tantos, destaco um no qual pugnava pela criação do Casa Pia Atlético Clube e que reputo digno de pertencer à história da agremiação. Como colaboradores efectivos, tínhamos Soares Andree, Ferreira de Almeida, um grande nome da natação nos primeiros tempos, dr. Mário de Castro, então estudante e o dr. Alves Barata, hoje juiz da Boa Hora. Escreviam também, os drs José Pontes e António Aurélio da Costa Ferreira, director da Casa Pia. Eu... fazia o resto: noticiá-

rio, futebol, natação, atletismo e ciclismo.

Prosseguindo:

— Ainda em 1920, a convite de Mário de Oliveira, fui seu colaborador efectivo no jornal «A Pátria» dirigido por Nuno Simões, auferindo pela vez primeira, remuneração pelos meus artigos. O Mário de Oliveira e eu, fomos os primeiros a fazer as páginas das segundas-feiras nos jornais dessa época. Antes, só o «Mundo», em 1913 e 1914 as apresentou, tendo como chefe Rui da Cunha. A «mania» pelos assuntos do estrangeiro levaram-me a oferecer os meus serviços, que foram aceites, nos jornais «Sporting» e «Football Association», de Paris, como correspondente e, mais fugidamente, ao «Sport Suisse», de Lausanne. Vem a propósito dizer que foi um artigo meu para o segundo dos jornais citados que originou o convite para a deslocação do Casa Pia, a Paris, em 1920. Esta história, tenciono contá-la, por alturas do Natal próximo, volvidos 30 anos após o acontecimento!

«Entretanto voltei ao «Sport de Lisboa» e aí me quedei até 1925, altura em que, sendo director de «Os Sports» Cândido de Oliveira, este me convidou para ser jornalista desportivo profissional. Em 1927, este jornal passou para a Empresa Nacional de Publicidade, assumindo, então, a sua direcção o jornalista Gomes Monteiro, redactor do «Diário de Notícias». Dando apreço ao meu trabalho, Gomes Monteiro, inculcou-me, em Maio de 1927, para ir como enviado especial de «Os Sports» e do «Diário de Notícias», a Madrid, fazer a crítica e relato do encontro Portugal-Espanha-B. Antes desta saída do país, já me havia deslocação a Paris, com o Casa Pia, em 1920 e a

Sevilha, em 1923, mais o Raul de Oliveira, a quando do III Portugal-Espanha. Data de 1927 a minha entrada no «Diário de Notícias», a princípio colaborador accidental, depois mais constante, depois efectivo, até que em 1946 entrei para o quadro como redactor, situação que tenho permanentemente, trabalhando na secção do estrangeiro. Tenho de permanência efectiva, neste jornal, mais de 20 anos, pois nele publiquei crónicas dos jogos dos portugueses, em Amsterdão e dos realizados em Montevideo (1.ª taça do mundo) e, ainda em outros pontos. Gomes Monteiro é um amigo que muito prezo e a quem, nas andanças dos jornais, muito devo. Foi por seu intermédio que entrei no «Diário de Notícias». Na mesma gratidão envolvo o eng. Reis Gonçalves, por me ter persuadido a continuar no jornalismo desportivo e António Tinoco, que em 1944, tendo já 26 anos de jornalismo, me fez redactor do «Diário Popular». De 1925 a 1941 permaneci em «Os Sports», acumulando com o «Notícias», primeiro como «desportivo» sob as ordens do meu grande amigo Rebelo da Silva, que teve influência notável na minha qualificação como redactor, aliás, imediatamente aceite pelo ilustre director, dr. Augusto de Castro. Trabalhei ainda sob a chefia de Gomes Monteiro e desde Junho do ano findo o sector em que presto serviço é dirigido por Tomé Vieira».

E a concluir este assunto:

— De 1925 a 1941 colaborei no «As», «Eco dos Sports» e «Stadium». De 1926 a 1939 fui correspondente efectivo da «Vie Sportive» (de Bruxelas). De 1946 a 1948 fui correspondente de «Records», de Paris. De 1941 saí de «Os Sports» e ingressei na «Stadium», de Cândido de Oliveira. Desde 22 de Setembro de 1942, dia em que saí o primeiro número, estou no «Diário Popular». Em 1944 entrei para «A Bola», mas fui proibido de escrever pelo «Diário de Notícias» — e, com razão, pois tendo uma edição desportiva, não fazia sentido que colaborasse num jornal concorrente. Mesmo assim, ainda durante duas épocas lhe prestei o meu concurso, sob o pseudónimo de Renato de Castro. Na revista «Antorcha» da Delegação dos Desportos de Espanha, encontram-se artigos meus. Tenho verificado, quase todas as modalidades de desporto e feito traduções da vida de grandes jogadores estrangeiros. Do muito que tenho escrito, quero destacar a referência publicada em 1938 no «Sunday Chronicle», a uma «prece» minha pela realização de um Portugal-Inglaterra. Ivan Sharpe, o grande jornalista inglês, deu-lhe guarida. Estou-lhe muito grato.

### O jornalismo é alicante

Pedimos, esgotado o assunto da primeira pergunta, que nos contasse algo da sua longa carreira de crítico e das suas viagens em serviço. Eis a resposta:

— O jornalismo é de facto uma profissão alicante. Entre outras coisas, proporcionou-me a possibilidade de viajar, conhecer a Espanha, França, Bélgica, Holanda, Suíça, Itália, Inglaterra, Escócia, Irlanda (Eire e do Norte) Brasil e Uruguai, a maior parte delas em vezes repe-

(Continua na página 10)

## Clube Oriental de Lisboa

NO próximo número publicaremos uma reportagem da vida desportiva do Clube Oriental de Lisboa, que marca hoje um lugar proeminente no desporto nacional.

O Clube Oriental de Lisboa que acaba de ascender à Primeira Divisão, por direito de conquista, mostrando-se um valor de grande relevo, bem merece esta homenagem de uma Revista — que vive para os clubes e para os seus leitores. Publicaremos também no próximo Número, em formato grande, a equipa de honra do Clube Oriental de Lisboa, que é um legítimo orgulho clubista.

## Campeonatos Regionais de Juniores

(Continuação da pág. 12)

António Pignatelli, José Cameira, José Baptista, Alvaro Mendes, José Simões, Adélino Monteiro, Jones Fernandes e, apesar de se haver apresentado em má forma, Casimiro Lúcio.

No Benfica, senhor de quatro títulos, destaca-se o lançador Albuquerque, futuro campeão do martelo e o barreirista Lourenço; deixaram boa impressão, ainda, Mário Melo, Valdemar Silva, José Cruz e Jorge Sousa.

O Belenenses, que continuou luzindo com o seu grupo de novos, apresentou elementos para futuro, de entre os quais salientaremos Raul Gonçalves, Ambrósio, Rodrigues e Mário Guedes. Por último, o Colégio Militar, com figuração reduzida, venceu o disco — e provavelmente vencerá o dardo — com Calça e Fina e classificou bem o saltador Noronha Feio e o corredor Paula Santos.

Intercaladas no programa realizaram-se algumas provas para preparação dos possíveis seleccionados contra a Espanha; apenas nos ensinaram que Alcide está no máximo da sua forma, tendo feito sobre as barreiras dois percursos impercíveis que lhe valeram o recorde dos 200 m. e o melhor tempo nos 110 metros.

Nos 3000 m. obstáculos — que aprecia agora no programa por decisão — o menos que se lhe pode chamar — (toporuna da Federação), Filipe Luis estabeleceu novo mínimo nacional, irrisório ainda.

E nada mais; no salto em altura, por exemplo, os candidatos a internacionais saltaram menos dez centímetros do que o campeão dos juniores...

## Beitaria Império

DE

António Angelo

CERVEJARIA / PASTELARIA / TABACARIA  
VINHOS DO PORTO / ESPUMANTES

Emerado serviço em pequenos almoços

PROVEM O DELICIOSO CAFÉ NICOLA  
AO PREÇO DE 1800 A CHAVENA

(Lote especial para esta casa)

# XADREZ

## DESPORTO INTELECTUAL

Visto pelo benfiquista CARLOS PIRES

Na esplendorosa festa de confraternização que reuniu recentemente mais de um milhar de benfiquistas, Francisco Retorta, referiu-se com justificado orgulho ao triunfo do Benfica no «sport intellectual».

Certamente metade das pessoas que o ouviram devem ter perguntado a si mesmas: — Que é isso de «sport intellectual»?

Pois será Carlos Pires, um dos mais representativos componentes de equipa que ganhou para o Benfica o título de campeão de Lisboa em Xadrez, que o explicará, na entrevista que concedeu à «Stadiums».

— Sim, considero o Xadrez de competição um desporto. É certo que o vocabulário está generalizado no sentido restrito dos jogos atléticos, mas não deve ser assim. Desporto é todo o recreio que visa o aperfeiçoamento físico e mental do homem. Ora o xadrez está neste último caso. De resto, trata-se de uma modalidade cuja organização desportiva rivaliza com muitas outras de índole diferente. Possui Federação, Associações regionais, diversas escalas de categorias de jogadores, que anualmente disputam vários torneios e campeonatos associativos, regionais e nacionais.

O carácter desportivo do xadrez — é reconhecido pela Direcção Geral dos Desportos, cujas decisões são necessárias para disputar, por exemplo, encontros internacionais.

E Carlos Pires acrescentou, a propósito, a sua opinião sobre o intercâmbio internacional do nosso xadrez:

— É realmente muito útil, o contacto com jogadores estrangeiros de categoria. Mas acho que devemos primeiramente criar entre nós um desenvolvimento técnico que nos permita defrontar as equipas estrangeiras sem o receio de resultados desmoralizadores.

— Na sua opinião, Carlos Pires, o Xadrez tem ou não progredido em Portugal?

— Em número de praticantes, incontestavelmente. O nível técnico melhor também. Não no plano superior, penso que se está jogando menos. Noto a falta de jogadores de categoria real, que se destacam firmemente. Os mais consagrados não mantiveram a boa forma.

Todavia, como o nível médio subiu, tenho esperança que apareçam esses novos valores, tanto mais que há muitos rapazes novos a demonstrarem excelentes qualidades. Daniel de Oliveira, por exemplo, e ainda Joaquim Durão e Mário Silva Araújo.

— Você concorda com a projectada remodelação da categoria de Mestres, para deixar de ser vitalícia?

— Apesar de ser um dos interessados, concordo com essa medida. Doutra forma não há estímulo. Atribuindo-se com a categoria vitalícia, força-se os mestres

a jogarem para manter a categoria, e a procurarem valorizar-se continuamente por esse motivo.

— Diga-nos duas palavras sobre o recente Campeonato inter-equipas — pedimos-lhe.

— Trata-se de uma prova muito interessante, pelos grandes benefícios que traz à modalidade. Este ano registou-se um recorde de inscrições e estiveram em acção mais de uma centena de xadrezistas. Está provado que as provas colectivas, até mesmo em xadrez, interessam muito mais.

— E sobre a vossa vitória? — inquirimos.

— Creio que o triunfo do Benfica foi justo. Fraquejamos a princípio, mas nisso influiu o sorteio. Quando vimos as coisas mal paradas, demos tudo por tudo — e fizemos uma recuperação à Benfica!..

— Sobre as outras equipas?...  
— A Costa do Sol e o Grupo Argibay, pelo jogo desenvolvido, nivelaram-se com a do Benfica. Qualquer das três equipas podia ganhar o Campeonato. O factor sorte não foi de desprezar, no fim, porque os resultados decidiam-se em vários tabuleiros.

E proseguiu: — O Grupo «Aleksine» apresentou-se em boa forma. E a Faculdade de Ciências é um autêntico «viveiro». Mas os estudos não deixam — nem devem deixar — dedicarem-se mais ao xadrez.

— Esta vitória do Benfica não vos animará a reorganizar a Secção de Xadrez no clube? — perguntámos-lhe.

— É esse o meu desejo. Mas só depois das férias, lá para Outubro, podemos passar das palavras à acção. E confio, dada a densidade da massa associativa, no êxito da iniciativa e que surjam novos valores para o xadrez nacional.

E Carlos Pires deu por terminadas as suas declarações, as quais agradecemos.

V. SANTOS

## MANUEL A. ROLA

= & FILHOS =

Materia e artigos eléctricos

Telefone 3280 • TOMAR

AGENTE NO CONCELHO DOS AFAMADOS

“RÁDIOS MURPHY”

da GENERAL ELECTRIC

PORTUGUESA

## ARCADIA DANCING DE LUXO

VARIEDADES às 0,30 e 2,15

Grande sucesso do

## BALLET MONTENEGRO

Charito Moreno — Viviane Lis — Mary Mely — Adoracion  
Reys — Perla de Levante — Luisa Royo — Herm. Goyescas  
Herm. Baron — Mary Arilla

DUAS ORQUESTRAS  
Nocturnos e Arcádia

# O DESPORTO EM TOMAR

(Conclusão da pág. 5)

pontos do País, nele se realizou um desafio entre as equipas de honra do Belenenses e do Atlético, que empataram por 2-2.

No antigo campo de jogos está agora a erguer-se o mercado municipal.

Dispondo de boa matéria prima e de um magnífico estádio, não deverá ser difícil aos nabinatos alcançar posição de relevo nos torneios desportivos. Bem o merece a histórica e acolhedora cidade, que alimenta dois antigos e conceituados clubes, o Sporting, filial n.º 1 do Sporting Clube de Portugal, e o União Comércio e Indústria, filial do Clube de Futebol «Os Belenenses». Ambos pertencem à 1.ª Divisão da Associação de Futebol de Santarém e a ambos anima o desejo de beneficiar a juventude e prestigiar a sua terra.

No futebol já o Comércio e Indústria e o Sporting de Tomar têm formado elementos prometedores. E outras modalidades desportivas praticam ou já praticaram. Repetimos: matéria prima não lhes falta para rapidamente conseguirem a satisfação de vários desideratos.

Os jovens nabinatos adaptam-se facilmente a qualquer desporto. E têm pessoas conhecedoras que os sabem encaminhar no melhor sentido. Por exemplo: revertendo-lhes turmas de ginástica.

Tomar necessitava de um estádio. Tê-lo-á dentro de pouco tempo. As boas representações desportivas virão depois, naturalmente.

Sportingistas e unionistas não devem esquecer-se por acompanhar o ritmo progressivo que desde há tempos se assenhoreou salutarmente da sua linda terra — uma joia rara de Portugal.

## Café Transmontano

CERVEJA A COPO  
DOCES REGIONAIS  
BOM SERVIÇO

Junto à Fonte da Prata  
Telef. 3279 TOMAR

## MEDALHAS

Emblemas e prémios d'arte para todos os desportos. Envia catálogo

HELDER CUNHA

Fabricante

R. Correiros, 149-5.º — Tel. 21124  
LISBOA

# NOTA DA SEMANA

**C**OMO todas as pessoas que atingem a maioridade e a duplicam, posso afirmar, afoitamente, que possuo um rancho de veneráveis amigos.

Nesse grupo, assás grandioso, encontra-se o loquaz Alcibiades Sibilino, a quem pode aplicar-se o conceito de Cornélio Nepos, conferido ao homónimo ateniense, de nenhum o exceder em virtudes ou vícios. Mas todos os usufrutuários da sua convivência lhe reconhecem o poder de argúcia e capacidade estranha para alegorias, que o tornam sempre benvindo.

Epicurista em grau elevado, as suas aparições são meteóricas. Só o topamos nos momentos solenes da Humanidade e, como a final da Taça Jules Rimet pode enfileirar nesses instantes cruciais do Vigésimo Século, cruzámo-nos, na quinta-feira última, a dois passos da Estação de Rossio, desta civitate amplíssima, chamada Lisboa.

Exteriorizei o meu contentamento pelo acaso e ele replicou-me com um acolher de ombros.

— Mera coincidência de fenómenos, no Espaço e no Tempo, respondeu Alcibiades, na sua imperturbável gravidade acacia, tu vinhas percorrendo a mesma trajectória, na mesma ocasião.

Em seguida, explicou-me que colecciona simultaneidades como os poetas encontram as rimas indispensáveis: espontaneamente.

Aproveitando o ensejo, quis ouvir a sua douta opinião acerca do Campeonato do Mundo do jogo da bola e eis como Alcibiades se exprimiu:

— Meu caro, os resultados do famoso torneio parecem-se com certos bilhetes das balanças automáticas, que trazem no verso a sina do cliente. Ante-ontem desejei conhecer o número de grammas da minha carcassa; subi à plataforma de um desses engenhos, introduzi os cincoenta centavos regulamentares e saiu-me o seguinte: 108 quilos; o sexo fraco não o preocupa mas uma morena pode perdê-lo.

Claro que embezerrei. Descobri segundo instrumento igual e pulei-lhe para cima. Vê o que obtive: 109 quilos; aprecias a vida repousada; cuidad com as loiras.

Salomão, por muito sabedor, era incapaz de promover sarilho mais completo.

Aquiesci, cheio de delibadeza, contudo arrisquei uma tímida interrogação:

— Custa-me a alcançar o teu objectivo. Poderás explicar-te melhor?

Afável, gracioso, submetendo-se graciosamente às circunstâncias, o meu estimado amigo recordou-me as incongruências dos resultados do grande torneio do Brasil: a Itália batida pela Suécia, que perde com os brasileiros por copiosa diferença e disputa aos uruguaios um match difícil em S. Paulo (3-2). A Inglaterra, sucumbindo ante norte-americanos e espanhóis e, por sua vez, estes caem monumentalmente, por 6-1, no duelo com os da nação organizadora.

— Então, usei eu, os números nada significam?

— Como as sinas das balanças, meu velho! O ambiente de alta-tensão, creado por 200.000 pessoas exaltadas, a cercar os adversários do grupo de Flávio Costa, há-de, forçosamente, introduzir um factor preponderante, que rebaixa as possibilidades do antagonista. A palavra «match» significa equilíbrio — equilíbrio de tudo, excepto da técnica e da pericia.

Estendev-me a destra. Uma beldade morena cruzava-se conosco e ele seguiu-a logo, como se a fatalidade o impelisse para outra órbita diferente, mas eu continuei ruminando nas suas conclusões.

Ignoro, neste momento, como os nossos bombásticos vizinhos peninsulares vão digerir a pílula, depois dos projectos arquitetados. Uma coisa me parece certa: em território neutral e sem o impulso dos duzentos mil corações a compasso, os números (como as sinas) seriam outros.

In domo brasiliensis — linguagem de palito métrico — a desforra entre brasileiros e espanhóis tomou um aspecto desnivelado, sem que isto significue que a vitória dos nossos parentes de Alem-Atlântico não fosse brilhante, justa e regular.

Mas, exagerada, sem dúvida alguma.

**D**EPOIS que o Duque de Medina Sidónia e a Invencível Armada ousaram invadir a Inglaterra, os nossos amigos e aliados não tiveram, ainda, um calor tão desagradável, soprando do quadrante peninsular.

O resultado do jogo do Rio de Janeiro produziu grande entusiasmo entre os apaixonados do bolapé hispânico, mas, nas Ilhas Británicas, tem sido motivo de mofo e ditos de espirito. Em contra-partida, os dirigentes do futebol inglês manifestam-se preocupados pela carência de capacidade dos chutadores nacionais, que, no entender da critica, foi a causa determinante do fracasso do team.

O esplêndido isolamento, politica seguida pelos ingleses durante vários anos, está dando os seus frutos ou será que a técnica do jogo, transformada em xadrez de precisão matemática, deve dar lugar a novas fórmulas compreendendo certa dose de inspiração pessoal e improvisação?

Sem querer tomar partido no debate, inclinamo-nos um pouco para este segundo critério. Os esquemas rígidos retraem a elasticidade do jogo, reduzem as intervenções da inspiração individual e, em resumo, cristalizam o que deve ser plástico e moldável às circunstâncias do momento. — RAFAEL BARRADAS

# a vida desportiva POR ESSE MUNDO FORA

## NATAÇÃO BOXE

O nadador australiano Marshall, de quem nos temos ocupado várias vezes, melhorou oficialmente dois recordes do Mundo — o da milha e meia milha (1609 e 804 metros) — em estilo livre.

Marshall, participando num torneio organizado na cidade de New-Haven (E. U. A.), conseguiu 19 m. 49.4 seg. e 9 m. 43.9 seg. nas duas provas. Os tempos anteriores, dos americanos Nakama e Bill Smith, foram largamente ultrapassados mas os recordes correspondentes de distâncias métricas (800 m. e 1500 m.), na posse do japonês Furuhashi, são proporcionalmente muito superiores aos registados agora.

Em Berlim, apesar de grandes dificuldades diplomáticas, efectuou-se um «match» entre a Suécia e a Alemanha. Os nadadores germânicos conseguiram re-editar as provas de 1927, 1929 e 1939, perdendo por 97 pontos a 94, no entanto desforraram-se, vencendo o desafio de bola aquática, por 6 tentos a 3.

A diferença de pontuação tornou-se escassa pelo grande avanço dos saltadores suecos, que regressaram de 12 para 2 o desnível do primeiro dia de provas. A vitória dos alemães no desafio de bola aquática tem grande significado, uma vez que os suecos ganharam aos húngaros no Campeonato da Europa e foram agora dominados, francamente, pela técnica e tática dos germânicos.

O desafio entre a Bélgica e a França, da modalidade atrás referida, findou com a vitória franceza por 7-6, em adultos, e 6-2, em juvenis.

A qualidade do jogo não foi excepcional, embora os belgas se revelassem ótimos manobreadores com a bola, mas lentos na movimentação. Um arbitragem, confiada ao espanhol Henri Batallé foi magnífica.

## ESGRIMA

Os Campeóns do Mundo de Egrima principiarão em Monte-Carlo (Mónaco), num ambiente de grande entusiasmo e bizarris.

O primeiro encontro, entre turmas nacionais reservado à arma «florete», coube à Itália, que dominou a França, Áustria, Suécia, Sudeslavia, Mónaco, Egipto, Bélgica e Grã-Bretanha.

A equipa franceza, à qual pertenciam saltadores como D'Orléans e Buhán, parte favorita mas os transalpinos revelaram-se superiores.

## TENIS

Wimbledon passou ao rol dos acontecimentos passados. Deixou porém uma boa memória no espirito dos espectadores.

A final masculina individual coube ao americano David Patty, derrotando o magnifico australiano F. Sedgman em 4 partidas. A calma e o sentido tactico do vencedor tornaram-se factores preponderantes e Sedgman só conseguiu brilhar no segundo «set», contrariando os infalíveis «pasing-shots» e lobs do rival. Patty acabou por adquirir o título de campeão, com o resultado de 6/1, 8/10, 6/2, 6/3.

Em pares masculinos produziu-se uma final australiana. Os veteranos Bromwich e Quist venceram inteligentemente O. Sidwell e G. Brown, por 7/5, 3/6, 6/3, 3/6, 6/2. Duelo encarniçado, que durou duas horas e deixou os americanos suspensos quanto às futuras probabilidades de conquistarem a Taça Davis.

Bromwich foi o arquiteto da vitória, exibindo extraordinária aptidão para colocar bolas de ressoito, a meia pista e cerca da rede.

A final de senhoras coube à norte-americana, Miss Louise Brough, batendo a Sr.<sup>a</sup> Dupont, por 6/1, 3/6, 6/1. O mais extraordinário é que a vencedora, venceu, também, o campeonato de pares, feminino e misto.

No primeiro caso emparelhou com a Sr.<sup>a</sup> Dupont ganhando por 6/4, 5/7, 6/1, a Miss Doris Hart e Todd; no outro, emparelhou com o sul-africano Sturges batendo o conjunto Geoff Brown e Sr.<sup>a</sup> Todd, por 11/8, 1/6, 6/4.

Apesar da intensa preparação recebida em Greenwood Lake, na qual interveio Harry Lenny, antigo treinador de Jack Delaney e Joe Louis, o campeão da Europa de «smédios», Tibério Mitri, encontrou a derrota no combate contra Jake La Mott, detentor do título mundial.

Os «matches», efectuado no Madison Square Garden, de Nova York, teve a duração de 15 assaltos. Na primeira metade do encontro o pugilista italiano conduziu o jogo, mas, do nono assalto para diante, La Motta acelerou o andamento, applicando fortes golpes, de ambos os punhos, à cabeça do seu antagonista, que accusou a violência do ataque.

No fim dos 15 assaltos previstos, os jurados atribuíram a vitória pontual ao jogador norte-americano por unanimidade, mas o público viu La Motta e aplaudiu Tibério Mitri.

Este corajoso pretendente safu do ringue completamente exausto e com o rosto sangrando.

Restabelecido em absoluto, da lesão Eszard Charles propõe-se reaparecer em meados de Agosto, contra o peso-pesado Freddie Bashore, na cidade de Buffalo.

Willie Pep, campeão mundial de «semi-leves», contraiu matrimónio pela segunda vez (já é arriscado...) quarenta e oito horas antes de combater Bobby Dell (arriscadíssimo!) Mesmo assim, triunfou.

No Estádio Mac Arthur, de Syracuse (N. Y.) o potente «peso-médios» americano Joey de John ganhou a Reuben Jones, por K-O ao 2.<sup>o</sup> assalto.

Chuva tempestuosa e duradoura provocou o adiamento do combate entre Livio Minelli, detentor do título mundial de «semi-médios» e Miguel Palermo, veterano campeão de Itália da mesma categoria.

A diferença de idades entre os dois pugilistas é de 14 anos e o pretendente roça pelos 40 mas as apostas equilibraram-se. Com um fisico atlético pouco vulgar, resistente a toda a casta de golpes e sabendo trabalhar ao tronco, Palermo é um jogador surpreendente, capaz do melhor e do péssimo.

Em Alger, o campeão de França de «semi-pesados», Albert Yvel, combateu e ganhou no italiano Fontini, conquistando o título da Europa e sucedendo a Freddie Mills.

O combate ficou no 10.<sup>o</sup> assalto, por intervenção do árbitro, o espanhol Risoto, que desqualificou Fontini sob o pretexto de executar cabeçadas.

Os dois europeus de real qualidade, nesta divisão, são Don Cockell (inglês) e Connie Kux (alemão).

CONDECORAÇÕES  
M. PINHÃO, L.<sup>DA</sup>  
Emblemas e Medalhas desportivas  
RUA DA ROSA, 169  
TELEFONE 29630  
LISBOA

BICICLETAS  
PARA HOMEM  
SENHORA  
e CRIANÇA  
Preços sensacionais  
Peçam tabelas  
ARMANDO CRESPO & C.<sup>DA</sup>  
R. do Crucifixo, 116 e 124  
Telef. 27027 — LISBOA

# ACTUALIDADES DESPORTIVAS

## A reunião velocipédica de sábado na pista do Estádio Alvalade



O italiano Bevilacqua, ao microfone da Emissora Nacional, pronuncia algumas palavras de saudação e despedida aos desportistas portugueses



Américo Raposo, que se está a afirmar grande corredor, fez uma prova excelente e venceu o Critério das 20 Voltas.



Uma fase do Critério das 20 Voltas, vendo-se o filho de Alfredo Trindade na pista

## CAMPEONATOS REGIONAIS DE VELOCIDADE



Ao longo da pista da Junqueira disputaram-se as provas que constituíram o campeonato regional de velocidade. O conjunto das cinco provas resultou numa jornada excelente, quer pelo interesse despertado quer pelo nível técnico demonstrado pelas tripulações. Mais uma vez a C. U. F. do Barreiro conquistou a maioria das provas, revelando a sua magnífica preparação, mas também uma outra tripulação se afirmou como conjunto magnífico, o «8 Juniors da Associação Naval». Publicamos três vencedores. 1 — A tripulação do «8 Seniors da C. U. F. do Barreiro». 2 — O «8 Juniors da Associação Naval». 3 — A tripulação do «4 Seniors da C. U. F. do Barreiro».

## A POSSE DA NOVA DIRECÇÃO DO BELENENSES

## Natação do Clube Naval



O Clube Naval de Lisboa melhorou e ampliou a sua piscina de modo aos associados se entregarem cada vez com mais afinco à prática da natação. Um aspecto da inauguração. Todos estão contentes!



O acto de posse da nova direcção do Belenenses, a que presidiu o sr. dr. Paiva Raposo, constituiu uma manifestação de apreço pelos homens que vão dirigir o clube e em que todos confiam. Francisco Mega, presidente actual do Belenenses e os restantes membros da Direcção, estão à altura de elevar o clube ao nível a que ele tem